

COLEÇÃO



TUCANO

GRACILIANO RAMOS  
HISTÓRIAS  
INCOMPLETAS



EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO  
RIO DE JANEIRO - PORTO ALEGRE - SÃO PAULO



Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

30.00







João meo velho Atrojilado,  
companheiro de batente,  
com um abraço paterno.  
Graciliano Gomes  
Rio - 1946

HISTÓRIAS  
INCOMPLETAS



## GRACILIANO RAMOS

Romancista e contista brasileiro, nasceu a 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo, Alagoas, de onde saiu com dois anos de idade. O pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha de um criador de gado, comprou nessa época uma fazenda em Butque, Pernambuco, e para ali se mudou com mulher e filhos. A sêca matou-lhe o gado e Sebastião abriu uma loja na vila. A acidentada infância de Graciliano decorreu em Viçosa, Maceió, e Palmeira-dos-Índios. Em 1914 foi para o Rio. Estreou nas letras com o romance *Caetés*, escrito em 1926 e publicado em 1933. Escreveu, depois, o romance *S. Bernardo*, obra ainda muito discutida e, por muitos, considerada o seu melhor livro. Mas a consagração definitiva lhe veio com *Angústia*, concluído em 1936, e hoje aceito como um dos maiores romances da literatura brasileira, de todos os tempos. Na obra de Graciliano Vidas Secas também ocupa um lugar de relêvo.





*Graciliano Ramos*

HISTÓRIAS  
INCOMPLETAS



EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO  
RIO DE JANEIRO - PORTO ALEGRE - SÃO PAULO



Capa com desenho de FAYGA OTROWER

1 9 4 6

DIREITOS EXCLUSIVOS DE TRADUÇÃO, PARA O BRASIL E  
PORTUGAL, DE BARCELLOS, BERTASO & CIA. - LIVRARIA DO  
GLOBO - RIO DE JANEIRO - PÔRTO ALEGRE - SÃO PAULO.



---

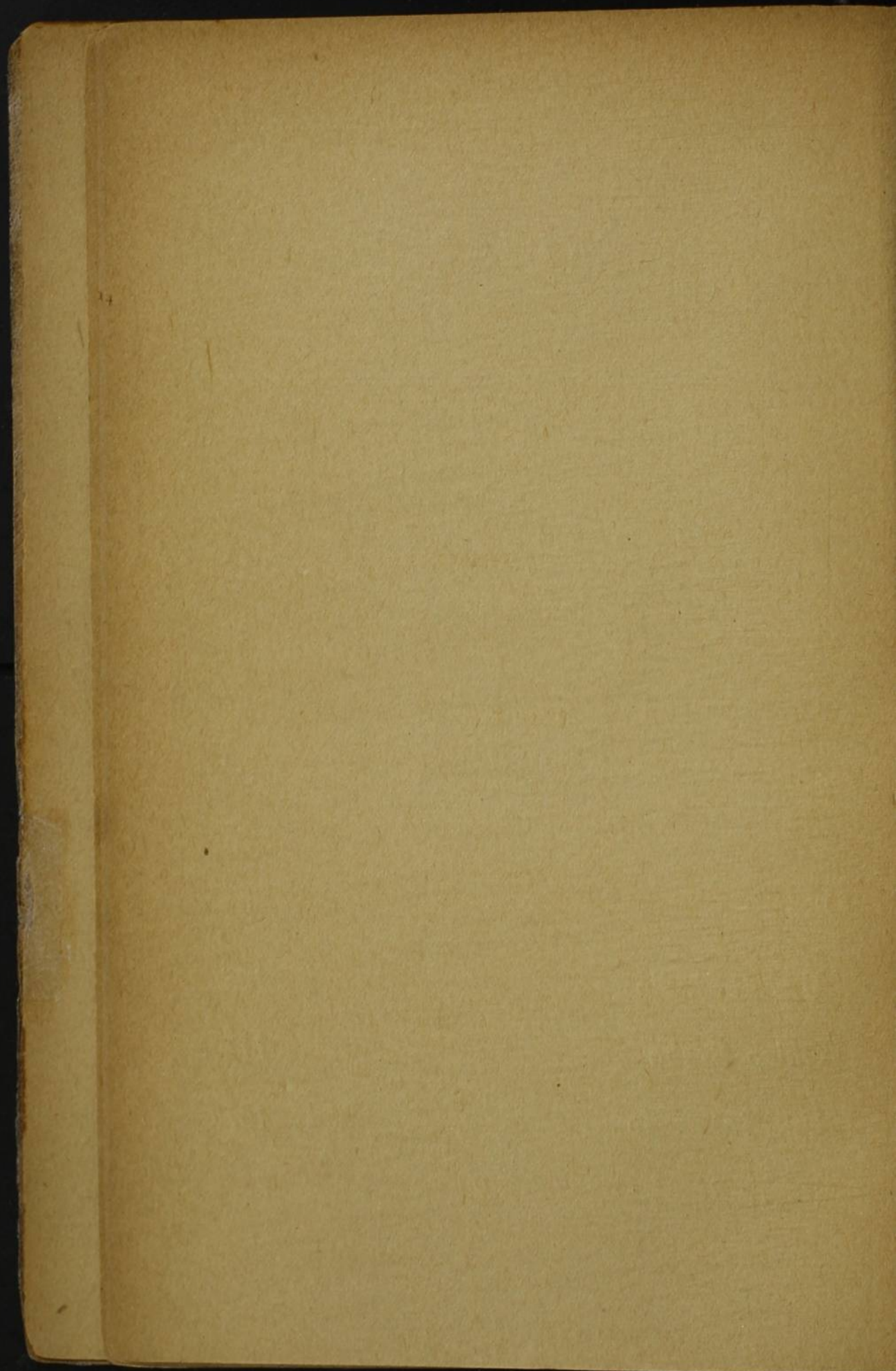
---

## Í N D I C E

---

---

|                     |     |
|---------------------|-----|
| <i>Um Ladrão</i>    | 13  |
| <i>Luciana</i>      | 35  |
| <i>Minsk</i>        | 47  |
| <i>Cadeia</i>       | 57  |
| <i>Festa</i>        | 75  |
| <i>Baleia</i>       | 93  |
| <i>Um Incêndio</i>  | 105 |
| <i>Chico Brabo</i>  | 117 |
| <i>Um Intervalo</i> | 127 |
| <i>Vento-Romba</i>  | 137 |





HISTÓRIAS  
INCOMPLETAS





---

---

UM LADRÃO

---

---





---

O QUE o desgraçou por tôda a vida foi a felicidade que o acompanhou durante um mês ou dois. Coisa estranha: sem nenhuma preparação, um tipo se aventura, anda para bem dizer de olhos fechados, comete erros, entra nas casas sem examinar os arredores, pisa como se estivesse na rua — e tudo corre bem. Pisa como se estivesse na rua. E' aí que principia a difficuldade. Convém saber mexer-se ràpidamente e sem rumor, como um gato: o corpo não pesa, ondula, parece querer voar, mal se firma nas pernas, que adquirem elasticidade de borracha. Se não fôsse assim, as juntas estalariam a cada instante, o homem gastaria uma eternidade para deslocar-se, o trabalho se tornaria impossível. Mas ninguém caminha dêsse jeito sem aprendizagem, e a aprendizagem não se realizaria se as primeiras tentativas fôsem descobertas. Deve haver uma divindade protectora para as criaturas estouvadas e de articulações perras. No começo usam sapatos de corda — e ninguém

desconfia delas: conseguem não dar nas vistas, porque são como tôda a gente. Nenhum polícia iria acompanhá-las. Se não batessem nos móveis e não dirigissem a luz para os olhos das pessoas adormecidas, não caíriam na prisão, onde ganham os modos necessários ao ofício. Aí apuram o ouvido e habitua-se a deslizar. Cá fora não precisarão sapatos de banho ou de tênis: mover-se-ão como se fôsem máquinas de molas bem azeitadas rolando sôbre pneumáticos silenciosos.

O indivíduo a que me refiro ainda não tinha alcançado essa andadura indispensável e prejudicial: indispensável no interior das casas, à noite; prejudicial na rua, porque denuncia de longe o transeunte. Sem dúvida o homem suspeito não tem só isso para marcá-lo ao ôlho do tira: certamente possui outras pintas, mas é êsse modo furtivo de esquivar-se como quem não toca no chão que logo o caracteriza. O sujeito não sabia, pois, andar assim, e passaria despercebido na multidão. Por enquanto nenhuma esperança de se acomodar àquêle ingrato meio de vida. E Gaúcho, o amigo que o iniciara, havia sido franco: era bom que êle escolhesse ocupação menos arriscada. Mas o rapaz tinha cabeça dura: animado por



três ou quatro experiências felizes, estava ali, rondando o portão, como um técnico.

Entrara na casa, fingindo-se consertador de fogões, e atentara na disposição das peças do andar térreo. Arrependeu-se de não ter estudado melhor o local: devia ter-se empregado lá como criado uma semana. Era o conselho de Gaúcho, que tinha prática. Não o escutara, procedera mal. Nem sabia já de que lado da sala de jantar ficava a porta da copa.

Afastou-se, receoso de que alguém o observasse. Desceu a rua, entrou no café da esquina, espiou as horas e teve desejo de tomar uma bebida. Não tinha dinheiro. Doidice beber álcool em semelhante situação. Procurou um níquel no bôlso, estremeceu. As mãos estavam frias e molhadas.

— Tem de ser.

Tornou a olhar o relógio. Não é que se havia esquecido das horas? Passava de meia-noite. Felizmente a rua topava o morro e só tinha uma entrada. À exceção dos moradores, pouca gente devia ir ali.

Afinal aquilo não tinha importância. Agora temia encontrar um conhecido. O que mais o aperreava era o diabo da tremura nas mãos. Estava quási certo de que o garçon lhe estranhava a palidez. Saiu para

a calçada e ficou indeciso, olhando o morro, enxugando no lenço os dedos molhados, dizendo pela segunda vez que aquilo não tinha importância. Como? Sacudiu a cabeça, aflito. Que é que não tinha importância?

Seria bom recolher-se. Sorriu com uma careta e subiu a ladeira, colando-se às paredes. Como recolher-se? Vivia na rua. À medida que avançava a frase repetida voltou e logo surgiu o sentido dela. Bem. A perturbação diminuía. O que não tinha importância era saber se a porta da copa ficava à direita ou à esquerda da sala de jantar. Ia levar talheres? Hem? Ia correr perigo por causa de talheres? Mas pensou num queijo visto sobre a geladeira e sentiu água na bôca.

Aproximou-se do morro, as pernas bambas, tremendo como uma criança. Provavelmente a copa era à direita de quem entrava na sala de jantar, perto da escada.

— Tem de ser.

Foi até o fim da calçada e, margeando a casa do fundo, passou para o outro lado. Parou junto ao portão, encostou-se a êle, receando que o vissem. Se estirasse o pescoço, talvez o guarda, lá em baixo, lhe percebesse os manejos. O coração bateu com desespêro, a vista se turvou. Não conseguiria enxergar a esquina e o guarda.



Encolheu-se mais, olhou a janela do prédio fronteiro, imaginou que por detrás da janela alguém o espreitava, talvez o dono da loja de fazenda que o examinara com ferocidade, através dos óculos, quando êle estacionara junto do balcão. Tentou libertar-se do pensamento importuno. Porque haveriam de estar ali, àquela hora, os mesmos olhos que o tinham imobilizado na véspera?

De repente sentiu grande mêdo, pareceu-lhe que o observavam pela frente e pela retaguarda, achou-se impelido para dentro e para fora do jardim, a rua encheu-se de emboscadas. A janela escureceu, os óculos do homem da loja sumiram-se. Pôs-se a tremer, as idéias confundiram-se, o projecto que armara surgiu-lhe como facto realizado. Encostou-se mais ao portão.

Durante minutos lembrou-se da escola do subúrbio e viu-se menino, triste, enfezado. A professora interrogava-o pouco, indiferente. O vizinho mal-encarado, que o espetava com pontas de alfinêtes, mais tarde virara soldado. A menina de tranças era linda, falava apertando as pálpebras, escondendo os olhos verdes.

Um estremecimento dispersou essas recordações meio apagadas. Quis fumar, temeu acender um cigarro. Levantou a cabe-



ça, distraíu-se vendo um bonde rodar longe, na boca da rua.

Sim, não, sim, não. Duas idéias voltaram: o homem que se ocultava por detrás da janela estava aquecido e tranqüilo, a menina das tranças escondia os olhos verdes e tinha um sorriso tranqüilo. Os dentes bateram castanholas, e isto alarmou-o: talvez alguém ouvisse aquêles barulho esquisito de porco zangado. Mordeu a manga do paletó, o som esmoreceu.

Sim, não, sim, não. Havia um relógio na sala de jantar, estava quási certo de que escutava as pancadas do pêndulo. Os dentes calaram-se, felizmente já não havia precisão de mastigar o tecido.

Mudou de posição, espreguiçou-se, os receios esfriaram. Agora se mexia como se não houvesse nenhum perigo. Segurou-se aos ferros da grade, uma energia súbita lançou-o na jardim. Pisando os canteiros, subiu a calçada, arreou no sofá do alpendre. Se o descobrissem ali, diria que tinha entrado antes de se fechar o portão e pegara no sono. Era o que diria, embora isto não lhe servisse.

Para que pensar em desgraças? Levantou-se, chegou-se à porta, meteu a caneta na fechadura. O tremor das mãos havia desa-



parecido. A lingüeta correu macia, uma fôlha da porta se descerrou. Estacou surpreso: como nunca havia trabalhado só, imaginara que a fechadura emperrasse, que fôsse preciso trepar no sofá e cortar com diamante um pedaço de vidraça. Deitaria por baixo da porta um jornal aberto, enrolaria a mão no lenço e daria um murro no vidro, que iria cair sem ruído em cima do papel. Agarrar-se-ia ao caixilho com as pontas dos dedos, suspender-se-ia, entraria na casa, a cabeça para baixo, as mãos procurando o chão. Ficaria pendurado algum tempo, feito um macaco, os dedos dos pés curvos à borda da abertura, como ganchos. Era quasi certo não se sair bem nesse pulo arriscado. Falharia, falhava sempre.

Procurou a vidraça, inútilmente: não existia vidraça. Nem existia jornal. Estupidez fantasiar dificuldades.

Entreabriu a porta, mergulhou na faixa de luz que passou pela fresta, correu o trinco devagarinho. Avançou, temendo esbarrar nos móveis. Acostumando a vista, começou a distinguir manchas: cadeiras baixas e enormes que atravancavam a saleta. Escorregou para uma delas, o coração aos baques, o folêgo curto. Afundou no assento gasto. As rótulas estalaram, as molas do

traste rangeram levemente. Ergueu-se precipitado, encostou-se à parede, com receio de vergar os joelhos. Se as juntas continuassem a fazer barulho, os moradores iriam acordar, prendê-lo. Achou-se fraco, sem coragem para fugir ou defender-se. Acendeu a lâmpada e logo se arrependeu. O círculo de luz passeou no soalho, subiu uma cadeira e sumiu-se. A escuridão voltou. Teme-ridade acender a lâmpada.

Penetrou na sala de jantar, escancarando muito os olhos. Agora os objectos estavam quási visíveis. Uma sombra alvacenta descia pela escada, havia luz no andar de cima.

Bem. A porta da copa, um buraco negro, ficava à direita, como êle tinha suposto. Vira um queijo sôbre a geladeira dois dias antes. Chegou-se à escada, apoiou-se ao corrimão, voltado para a copa. Realmente não tinha fome. Sentia uma ferida no estômago, mas a bôca estava sêca. Encolheu os ombros. Estupidez arriscar-se tanto por um pedaço de queijo.

Subiu um degrau, parou arfando, subiu outros, experimentando uma sensação de enjôo. A casa mexia-se, a escada mexia-se. A secura da bôca desapareceu. Dilatou as bochechas para conter a saliva e pensou no



queijo, nauseado. Adiantou-se uns passos, enguliu o cuspo, repugnado, entortando o pescoço.

— Tem de ser.

Repetiu a frase para não recuar. Apesar de ter alcançado o meio da escada, achava difícil continuar a viagem. E se alguém estivesse a observá-lo no escuro? Lembrou-se do sujeito da loja de fazenda. Talvez êle fôsse o dono da casa, estivesse ali perto, vigiando como um gato. Pensou de novo na menina da escola primária, no sorriso dela, nas pálpebras que se baixavam, escondendo olhos verdes, de gato. Desgostou-se por estar vacilando, perdendo tempo com miudezas.

Chegou ao fim da escada, parou escutando, enfiou por um corredor onde vários quartos desembocavam. Fugiu de uma porta iluminada e encaminhou-se à sala, com a esperança de encontrá-la deserta. O medo foi contrabalançado por um sentimento infantil de orgulho. Realizara uma proeza, sim senhor, só queria ouvir a opinião de Gaúcho. Se não acontecesse uma desgraça, procuraria Gaúcho no dia seguinte. Se não acontecesse uma desgraça. Benzeu-se, arrepiado. Deus não havia de permitir infelicidade. Tolice pensar em coisas ruins. Con-

taria a história no dia seguinte, sem falar no medo, e Gaúcho aprovaria tudo, sem dúvida.

Torceu a maçanêta, devagarinho: felizmente a porta não estava fechada com chave. Aterrorizou-se novamente, mas surgiu-lhe de supetão a idéia singular de que o perigo estava nos quartos, e na sala poderia esconder-se. Entrou, cerrou a porta, fêz um gesto cansado, respirou profundamente, afirmou que estava em segurança. A tontura devia ser por causa da fome. Também um desgraçado como êle meter-se em semelhante emprêsa! Tinha capacidade para aquilo? Não tinha. Um ventanista. Que é que sabia fazer? Saltar janelas. Um ventanista, apenas. A vaidade infantil murchou de repente. Se o descobrissem, nem saberia fugir, nem acertaria com a saída. O que o preocupava naquele momento, porém, era menos o receio de ser prêso que a convicção da própria insuficiência, a certeza de que ia falhar. As mãos tremeriam, as juntas estalariam, movimentos irreflectidos derrubariam móveis.

Apertou as mãos, súbitamente resolvido a acabar depressa com aquilo, fixou a atenção na cama enorme, onde um casal de velhos dormia. Baixou-se, alarmado: se uma das pessoas acordasse, vê-lo-ia parado, co-



mo estátua. Avançou, de cócoras, foi esconder-se por detrás da cabeceira da cama, permaneceu encolhido, até sentir cãibras nas pernas. As janelas estavam abertas, a luz da rua banhava a sala.

Virando o rosto, viu-se no espelho do guarda-vestidos e achou-se ridículo, agachado, em posição torcida. Voltou-se, livrou-se da visão desagradável, avistou um braço caído fora da cama. Braço de velha, braço de velha rica, de uma gordura nojenta. A mão era papuda e curta, anéis enfeitavam os dedos grossos. Pensou em tirar os anéis com agulhas, mas afastou a idéia. Trazia no bôlso as agulhas, só porque Gaúcho lhe ensinara o uso delas. Não se arriscaria a utilizá-las. Gaúcho tinha nervos de ferro. Tirar anéis da mão de uma pessoa adormecida! Que homem! Anos de prática, diversas entradas na casa de detenção.

Engatinhando, aproximou-se do guarda-vestidos, abriu-o e começou a revistar a roupa. Descobriu uma carteira e guardou-a sem reparar no que havia dentro dela. Interrompeu a busca, afastou-se, mergulhou no corredor, parou à porta do quarto iluminado. Examinou a carteira, achou várias notas. Tentou calcular o ganho, mas a luz do corredor era insuficiente. Escondeu o dinheiro, soltou um longo suspiro,



Devia retirar-se. Deu alguns passos, recuou vexado, receoso das pilhérias que Gaúcho iria jogar-lhe quando soubesse que êle tinha deixado uma casa sem percorrê-la. O terror desaparecera: estava cheio de espanto por haver escapado àquêle imenso perigo. Realmente não tinha escapado, mas julgava-se quási livre.

Abriu uma porta a ferro, acendeu a lâmpada, viu um oratório. Desejou apoderar-se dos resplendores das imagens e do bordão de S. José, de ouro, pesado. Afastou-se, com mêdo da tentação. Não cometeria semelhante sacrilégio.

Andou em outras peças, arrecadou objectos miúdos. Queria penetrar no quarto iluminado, mas não conseguia saber o que o empurrava para lá. Boiavam-lhe no espírito dois esboços de projectos: contar o dinheiro, coisa que não poderia fazer no corredor, e descrever a Gaúcho a aventura.

Destrancou a porta, entrou, esquivou-se para trás de um armário. Havia no quarto uma cama estreita, mas nem reparou na pessoa que estava deitada nela. Tirou do bôlso a carteira, ficou algum tempo olhando, como um idiota, papéis e dinheiro. Principiou uma soma, que se interrompeu muitas vezes: os dedos tremiam, os números atra-



palhavam-se. Impossível saber quanto havia ali. Machucou as notas da algibeira da calça. Bem, contaria depois a grana, quando estivesse calmo. Abandonaria o morro e iria viver num subúrbio distante, onde ninguém o conhecesse, largaria aquela profissão, para que não tinha jeito. Nenhum jeito. Não diria nada a Gaúcho, evitaria indivíduos assim comprometedores. Ia endireitar, criar vergonha, virar pessoa decente, arranjar um negócio qualquer longe de Gaúcho. Sim senhor. Apalpou o rôlo de notas através do pano, meteu o botão na casa da algibeira. Criar vergonha, sim senhor, o que tinha ali dava para criar vergonha.

Olhou a cama, julgou a princípio que estava lá uma criança, mas viu um seio e estremeceu. Voltou-se, não devia arriscar-se à toa. Deu uns passos em direcção à porta, deteve-se, curvou-se, observou a moça. Achou nela traços da menina de olhos verdes. O coração bateu-lhe de mais no peito magro, pareceu querer sair pela bôca.

— Estupidez.

Aprumou-se e desviou a cara. Estupidez. Tentou pensar em coisas corriqueiras, encheu os pulmões, contou até dez. A tatuagem da perna de Gaúcho era medonha, uma tatuagem indecente; àquela hora o ca-



fé da esquina devia estar fechado. Tornou a contar até dez, esvaziando os pulmões. Um acesso de tosse interrompeu-lhe o exercício.

Retirou-se precipitado, fazendo esforço enorme para se conservar em silêncio. Faltou-lhe o ar, as lágrimas saltaram-lhe, as veias do pescoço endureceram como cordas esticadas. Atravessou o corredor desembestadamente, desceu a escada, meio doido, sacudindo-se desengonçado, a mão na boca. Sentou-se no último degrau e esteve uns minutos agitado por pequenas contracções, um som abafado morrendo-lhe na garganta, asmático e penoso, resfolegar de cachorro novo. Pôs-se a arquejar baixinho, extenuado, procurando livrar-se de um pigarro teimoso que lhe arranhava a goela. Enxugou um fio de baba, pouco a pouco se recompôs. Certamente as pessoas do andar de cima tinham despertado quando êle fugira correndo.

Virou a cabeça, puxou a orelha, agoniado. Tinha a ilusão de perceber o trabalho das traças que roíam pano lá em cima, nos armários.

Devia ter trazido alguma roupa para vender ao intrujão.

Um galo cantou perto, um apito na rua deu-lhe suores frios. Depois tudo sossegou,



avultaram no silêncio rumores indeterminados: provavelmente pés de baratas se moviam na parede.

Ergueu-se, com fome, libertou-se de terrores, procurou orientar-se. As cócegas na garganta desapareceram. Tolice prestar atenção à marcha das baratas na parede e ao apito do guarda na rua. Nada daquilo era com êle, estava livre de perigo. Livre de perigo. Se a tosse voltasse, abafá-la-ia mordendo a manga. Temperou a garganta, baixinho. Tranquilo. Tranquilo e com fome. Voltou-se para um lado e para outro, hesitou entre a saleta e a copa. O pigarro sumiu-se completamente, a bôca encheu-se de saliva. Aguçou ainda o ouvido: nem apito nem canto de galo, as pernas das baratas se tinham imobilizado. Desejava entrar na copa, comer um bocado. Agora que a sufocação e a secura da bôca haviam desaparecido, bem que precisava mastigar qualquer coisa.

Apertou o botão da lâmpada, a luz fraca lambeu a cristaleira, subiu a mesa, dividiu-a pelo meio. Descansou a lâmpada na toalha. Bambeando, amolecido, retirou da algibeira as notas machucadas, tentou novamente contá-las, aproximando-as muito do pequeno foco eléctrico. Recomeçou a



contagem várias vezes, afinal julgou acertar, convenceu-se de que havia ali dinheiro suficiente para um botequim no subúrbio. Aliou as cédulas, dobrou-as, guardou-as, abotoou-se. Um capital. Sentia frio e fome. O guarda devia estar cochilando lá em baixo, à esquina do café. Levantou a gola. Um capital. Estabelecer-se-ia com um café no subúrbio, longe de Gaúcho e daqueles perigos. Café modesto, com rádio, os fregueses, pessoas de ordem, discutindo futebol. Tinha jeito para isso. Ouviria as conversas sem tomar partido, não descontentaria ninguém e fiscalizaria os empregados rigorosamente. Um patrão, sim senhor, fiscalizaria os empregados rigorosamente. E Gaúcho nem o reconheceria se o visse, gordo, sério, bulindo na caixa registradora. Naturalmente. Apalpou a carteira, sentiu-se forte. Bem. Contanto que não fôssem fuxicar política no café. Esportes, coisas inofensivas, perfeitamente; mas cochichos, papéis escondidos, isso não. Tudo na lei, nada de complicações com a polícia.

Aprumou-se, esqueceu o lugar onde estava. Uma dorzinha fina picou-lhe o estômago. Tomou a lâmpada, encaminhou-se à copa, firme como um proprietário. O medo se havia sumido. Para bem dizer, era quasi um dono de botequim no subúrbio.



De repente assaltou-o um desejo bêsta de rir, riu baixo, temendo engasgar-se e tossir de novo. Sacolejou-se muito tempo, e a sombra dêle dançava na luz que se espalhava no soalho. Tinha chegado fazendo tolices, nem acertava com as portas, um doido. Largara-se pela escada abaixo, aos saltos. E ninguém acordara, parecia que os moradores da casa estavam mortos. Então para que todos os cuidados, tôdas as precauções? Gaúcho fazia trabalho direito, tirava anéis das pessoas adormecidas, com agulhas. Homem de merecimento. E, apesar de tudo, mais de vinte entradas na casa de detenção, viagens à colônia correccional, fugas arriscadas. Inútil a ciência de Gaúcho. Quando Deus quer, as pessoas não acordam.

Onde estaria o queijo que na ante-véspera se achava em cima da geladeira? Procurou-o debalde. Entrou na cozinha, mexeu nas caçarolas, encontrou pedaços de carne, que devorou quási sem mastigar. Lambeu os dedos sujos de gordura, abriu devagarinho a torneira da pia, lavou as mãos, enxugou-as ao paletó. Respirou, consolado. A tontura desapareceu.

Recordou os disparates que praticara. Santa Maria! Desastrado. Se falasse a Gaúcho com franqueza, ouviria um sermão. Mas

não falaria, não queria mais relações com Gaúcho, ia abrir um café no arrabalde.

Voltou à sala de jantar e apagou a lâmpada. Aquela gente lá em cima tinha um sono de pedra.

Veio-lhe a idéia extravagante de subir de novo a escada e tornar a descê-la, convencer-se de que não era tão desazado como parecia. E lembrou-se da menina dos olhos verdes, que lhe surgiu na memória com um seio descoberto. Absurdo. Quem estava com o seio à mostra era a moça que dormia no andar de cima. Como seriam os olhos dela?

Duas pancadas encheram a casa. E um tique-taque de relógio começou a aperreá-lo. Pouco antes havia silêncio, mas agora o tique-taque martelava-lhe o interior.

Dirigiu-se à saleta, voltou com a tentação de entrar nos quartos, trazer de lá alguns objectos para vender ao intrujão. Parecia-lhe que, recomeçando o trabalho em conformidade com as regras ensinadas por Gaúcho, de alguma forma se reabilitaria. O maço de notas, adquirido facilmente, nem lhe dava prazer.

Pisou a escada e estremeceu. As razões que o impeliam sumiram-se, ficou o peito descoberto.



Esforçou-se por imaginar o botequim do arrabalde. Inútilmente. Subiu, parou à entrada do corredor.

— Que doidice!

Foi até a porta do quarto iluminado, empurrou-a, certificou-se de que a mulher continuava a dormir.

E daí em diante, até o desfecho medonho, não soube o que fêz. No dia seguinte, já perdido, lembrou-se de ter ficado muito tempo junto à cama, contemplando a moça, mas achou difícil ter praticado a maluqueira que o desgraçou. Como se tinha dado aquilo? Nem sabia. A princípio foi um deslumbramento, a casa girando, a cama girando, êle também girando em tórno da mulher, transformado em môsca. Girando, aproximando-se e afastando-se, môsca. E a necessidade de pousar, de se livrar dos giros vertiginosos. A figura de Gaúcho esboçou-se e logo se dissipou, os óculos do homem da loja e os vidros da casa fronteira confundiram-se um instante e esmoreceram. Novas pancadas de relógio, novos apitos e cantos de galos chegaram-lhe aos ouvidos, mas deixaram-no indiferente, voando. E aconteceu o desastre. Uma loucura, a maior das loucuras: baixou-se e espremeu um beijo na bôca da moça.



O resto se narra nos papéis da polícia, mas êle, zozzo, moído, só conseguiu dar informações incompletas e contraditórias. E' em vão que o interrogam e machucam. Sabe que ouviu um grito de terror e barulho nos outros quartos. Lembra-se de ter atravessado o corredor e pisado o primeiro degrau da escada. Acordou aí, mas adormeceu de novo, na queda que o lançou no andar térreo. Teve um sonho rápido na viagem: viu cubículos sujos povoados de perceijos, esteiras no chão úmido, caras horríveis, levadas de infelizes transportando vigas pesadas na colônia correccional. Insultavam-no, choviam-lhe pancadas nas costas cobertas de pano listrado. Mas os insultos apagaram-se, as pancadas findaram. E houve um longo silêncio.

Despertou agarrado por muitas mãos. De uma brecha aberta na testa corria sangue, que lhe molhavam os olhos, tingia de vermelho as coisas e as pessoas. Um velho empacotado em cobertores gesticulava no meio da escada, seguro ao corrimão. E um grito de mulher vinha lá de cima, provavelmente a continuação do mesmo grito que lhe tinha estragado a vida.



---

LUCIANA

---





---

**O**UVINDO rumor na porta da frente e os passos conhecidos de tio Severino, Luciana entregou a Maria Júlia as revistas e as bonecas de pano, ergueu-se estouvada, saíu do corredor, entrou na sala, parou indecisa, esperando que a chamassem. Ninguém reparou nela. Papai e mamãe, no sofá, embebiam-se na palavra lenta e fanhosa de tio Severino, homem considerável, senhor da poltrona. Luciana adivinhava a consideração: os donos da casa escutavam, moviam a cabeça e aprovavam; na cozinha, resmungando, arreliando-se, a criada preparava café. Às vezes na família repetia-se uma frase que tinha pêso de lei.

— Foi tio Severino quem disse.

— Ah!

E não se acrescentava mais nada.

Luciana quis aproximar-se das pessoas grandes, mas lembrou-se do que lhe tinha acontecido na véspera. Mergulhou numa longa meditação. Andara com mamãe pela cidade, percorrera diversas ruas, satisfeita.

Num lugar feio e escorregadio, onde a água da chuva empoçava, resistira, acuara, exigindo que pusessem ali paralelepípedos. Agarrada por um braço, intimada a continuar o passeio, tivera um acesso de desespero, um choro convulso, e caíra no chão, sentara-se na lama, esperneando e berrando. Em casa, antes de tirar-lhe a camisa suja, mamãe lhe infligira três palmadas enérgicas. Porquê? Luciana passara o dia tentando reconciliar-se com o ser poderoso que lhe magoara as nádegas. Agora, na presença da visita, essa criatura forte não anunciava perigo.

Luciana avizinhou-se do sofá nas pontas dos pés, imitando as senhoras que usam sapatos de tacão alto. Gostava dêsse exercício, convidava a irmã para brincar de moça. Encolhida e pálida, Maria Júlia cambaleava — e Luciana se arranjava só: prendia cordões numa caixa vazia, que se transformava em bolsa, com um pedaço de pau armava-se de sombrinha e lá ia remedando um pássaro que se dispõe a voar, inclinada para a frente, os calcanhares apoiados em saltos enormes e imaginários. Assim aparelhada, chamava-se d. Henriqueta da Boa-Vista. Manifestara-se à irmã e à cozinheira. Como as duas não admitiam que ela pudessem crescer de repente e mudar de nome, en-



volvera-as num largo desprêzo e começara a entender-se com as paredes: ficava horas meneando-se, fazendo medidas, dirigindo amabilidades às amigas invisíveis de d. Henriqueta da Boa-Vista.

Tio Severino era notável: vermelho, tinha maçarocas brancas no rosto, o beijo e o queixo rapados, a testa brilhante, sobranças densas e óculos redondos. Entre os dentes amarelos a voz escorria, pausada, nasal, incompreensível. Luciana percebia as palavras, mas não atinava com a significação delas: arregalava os olhos claros, via a figura engelhada aumentar, a roupa escura e os sapatos pretos incharem como pneumáticos. Rondou por ali um instante, mas faticou-se. Avistou no cabide o guarda-chuva de tio Severino e foi examiná-lo de perto, afastar as varetas, procurar um mecanismo por baixo do tecido. Desistiu da observação, meio decepcionada, e ia esgueirar-se para o corredor quando algumas sílabas da conversa indistinta lhe avivaram a recordação de outras sílabas vagas, largadas por um moleque na rua. Acercou-se do sofá, interrompeu o discurso do velho e repetiu bem alto as palavras do moleque. Papai e mamãe estremeceram, tio Severino enguliu em seco, murmurou:



— Esta menina sabe onde o diabo dorme.

Luciana teve um deslumbramento, o coraçãozinho saltou, uma alegria doida encheu-a. Sentiu-se feliz e necessitou desabafar com alguém. Esquecendo-se de que naquele momento era d. Henriqueta da Boa-Vista, cruzou a sala em passo natural, os calcanhares tocando o chão, desembestou no corredor e exibiu-se a Maria Júlia. Espalhou as revistas e as bonecas, pôs-se a dançar em cima delas. Como a outra caísse no chôro, afligiu-se: consolou-a, achou-a miúda, tão miúda que não servia para confidente. Regressou, muito leve, boiando naquela clareza que a envolvia e penetrava.

— Esta menina sabe onde o diabo dorme.

Tio Severino tinha feito uma revelação extraordinária, e Luciana devia comportar-se como pessoa que sabe onde o diabo dorme. Voltou a caminhar nas pontas dos pés, de uma parede a outra, simulando não ver o sofá e a poltrona. Estava sendo observada, notavam nela sinais esquisitos, sem dúvida.

— Foi tio Severino quem disse.

— Ah!



Papai e mamãe, silenciosos, refletindo na opinião rouca do parente grande, com certeza diziam “Ah!” por dentro e orgulhavam-se da filha sabida. Luciana estirou-se, ganhou pelo menos cinco centímetros. Moça, moça completa, inteiramente d. Henriqueta da Boa-Vista. Piscou o olho para tio Severino, convenceu-se de que êle também piscava o olho e a considerava d. Henriqueta, séria, vagarosa, aprumada. Encostou-se à parede, enrugou a testa, alongou o beijo inferior, descansou as mãos na barriga. Assim, adquiria muitos anos e inspirava respeito.

A cena da véspera atravessou-lhe o espírito e importunou-a. Sentada numa poça de água suja, gritara, enlameara-se tôda. Naquele despropósito, não era d. Henriqueta da Boa-Vista, não era, evidentemente. Reagira aos chamados e às razões de mamãe e em consequência agüentara três palmadas. A recordação delas atenazou Luciana: as rugas da testa desfizeram-se, o beijo encolheu-se, os calcanhares desceram, os braços tombaram esmorecidos. D. Henriqueta da Boa-Vista não se sentaria numa barroca cheia de lama.

— Que vergonha!

Pouco a pouco a indignação transferiu-se e arrefeceu. A culpada era mamãe, que



tivera a idéia infeliz de meter-se num caminho onde não havia paralelepípedos. Mundo bem estranho. Porque era que existiam lugares sem paralelepípedos? Êste pensamento obliterou o castigo e a humilhação. Lugares diferentes da calçada tranqüila, do quintal sombrio. Na esquina do quarteirão principiava o mistério: barulho de carros, gritos, côres, movimento, prédios altos de mais. Talvez o diabo dormisse num dêles. Em qual? Desanimada, confessou interiormente a sua ignorância. Não tinha notícia do que havia além das portas de vidro onde se expunham objectos inúteis. E relativamente ao diabo, só podia garantir, baseada nas informações da cozinha, que êle era prêto, possuía chifres e rabo. Chifres e rabo. Para quê? Admirou-se dessa extravagância. Que precisão tinha êle de chifres e de rabo? Prêto, estava certo. No bairro moravam alguns pretos, sem chifres nem rabo. E se a cozinha estivesse enganada? No espírito de Luciana, pouco inclinado a dúvidas, a pergunta esmoreceu, mas a indecisão momentânea discontentou-a: se privassem o diabo daqueles apêndices, êle ficaria reduzido, um brinquedo ordinário. Estremeceu maravilhada, num susto que encerrava prazer, uma visão patenteou-lhe a figura monstruosa. Certamente o diabo tinha gênio ruim, em



horas de zanga batia nas pessoas com o rabo, espetava-as com os chifres. E retinto, da côr de seu Adão carroceiro. Mas seu Adão era bom, seu Adão era óptimo: quando via crianças chorando extraviadas, recolhia-as, contava histórias lindas, ria mostrando os dentes alvos. Procurou reconstituir uma das histórias, desviou-a lembrando-se do que lhe sucedia ao apeiar da carroça e apresentar-se a mamãe.

— Tenha paciência, dona, pedia o negro.

Mexia na carapinha, sorria inquieto, afastava-se levando a afirmação de que a pequena amiga não seria punida. Mamãe não cumpria a palavra.

— Está direito, seu Adão. Muito obrigada.

Logo que êle dava as costas, enfurecia-se.

— Esta menina tem parte com o diabo.

E puxava as orelhas de Luciana. Porquê? Certamente o diabo também fugia de casa. Lisonjeada e medrosa com a terrível associação, Luciana persistia na desobediência, os puxões de orelhas não a livravam da curiosidade. Interrogara seu Adão a respeito dos hábitos da obscura personagem, mas



como dispunha de vocabulário escasso, não se explicara bem e obtivera respostas ambíguas. Seu Adão, apesar de negro, não tinha parte com o diabo, provavelmente um sujeito sisudo, triste, como tio Severino. O beijo franzido e o olho duro de tio Severino. Que olho! Entrava-lhe na carne, um espêto, e as mãos dela esfriavam. Naque dia, porém, o velho não lhe inspirava receio. Maiores que os d'ele eram os poderes do diabo, com quem Luciana se julgava de alguma forma ligada.

— Esta menina tem parte com o diabo.

A fala ranzinza feria-lhe os ouvidos, dedos finos e nervosos agarravam-na. Um susto, a impressão de ter perdido qualquer coisa e achar-se em risco. Findo o sobresalto, imaginara-se protegida por entidades vigorosas e imortais. Agora a frase de tio Severino firmava-lhe a convicção.

Ergueu-se de novo nas pontas dos pés, atirou na sala as suas longas pernadas sacudidas de ave. D. Henriqueta da Boa-Vista pôs-se a dialogar mentalmente, comentando a voz fanhosa, os óculos, as maçarocas que enfeitavam as bochechas de tio Severino. Realmente êle se equivocava: d. Henriqueta da Boa-Vista reconhecia a própria insuficiência. Cócegas arranharam a garganta de Luciana, um riso agudo agitou-a. Ale-



grava-a o pensamento de que os outros se iludiam, considerou-se atilada, capaz de provocar a admiração de criaturas experientes. Com certeza possuía qualidades necessárias para instruir-se e confirmar o juízo de tio Severino. Porque era que êle não se referira a Maria Júlia? Coitada. Encolhida e bamba, Maria Júlia manejava bonecas, sossegadinha, no corredor e na sala de jantar. D. Henriqueta da Boa-Vista era um azougue: tinha jeito de quem sabe onde o diabo dorme. Ainda não sabia, mas haveria de saber. E cantava no íntimo. As solas dos sapatos mal tocavam o chão, o corpo magro balançava, indo e vindo, movendo as asas. Descobriria o lugar onde o diabo dorme, começaria a busca no dia seguinte. Não alcançava o ferrôlho da porta, mas quando mamãe se distraísse, arrastaria de manso uma cadeira, subiria à janela e saltaria na calçada, sem rumor, como de ordinário. Maria Júlia, recortando fôlhas de revistas, não perceberia a fuga. E d. Henriqueta da Boa-Vista se largaria pelo mundo, importante, os calcanhares erguidos, em companhia de seres enigmáticos que lhe ensinariam a residência do diabo. Dobraria a esquina, perder-se-ia na multidão, olharia os objectos arrumados por detrás dos vidros. Mais tarde seu Adão a embarcaria na car-

roça: — “Foi um dia uma princesa bonita que tinha uma estrêla na testa”. Luciana recusava as princesas e as estrêlas. Seu Adão coçaria o pixaim, encolheria os ombros. Levá-la-ia para a gaiola. Mamãe recebê-la-ia zangadíssima. E daria, quando seu Adão se retirasse, várias chineladas em d. Henriqueta da Boa-Vista. Sem dúvida. Mas isso ainda estava muito longe — e Luciana aborrecia tristezas.



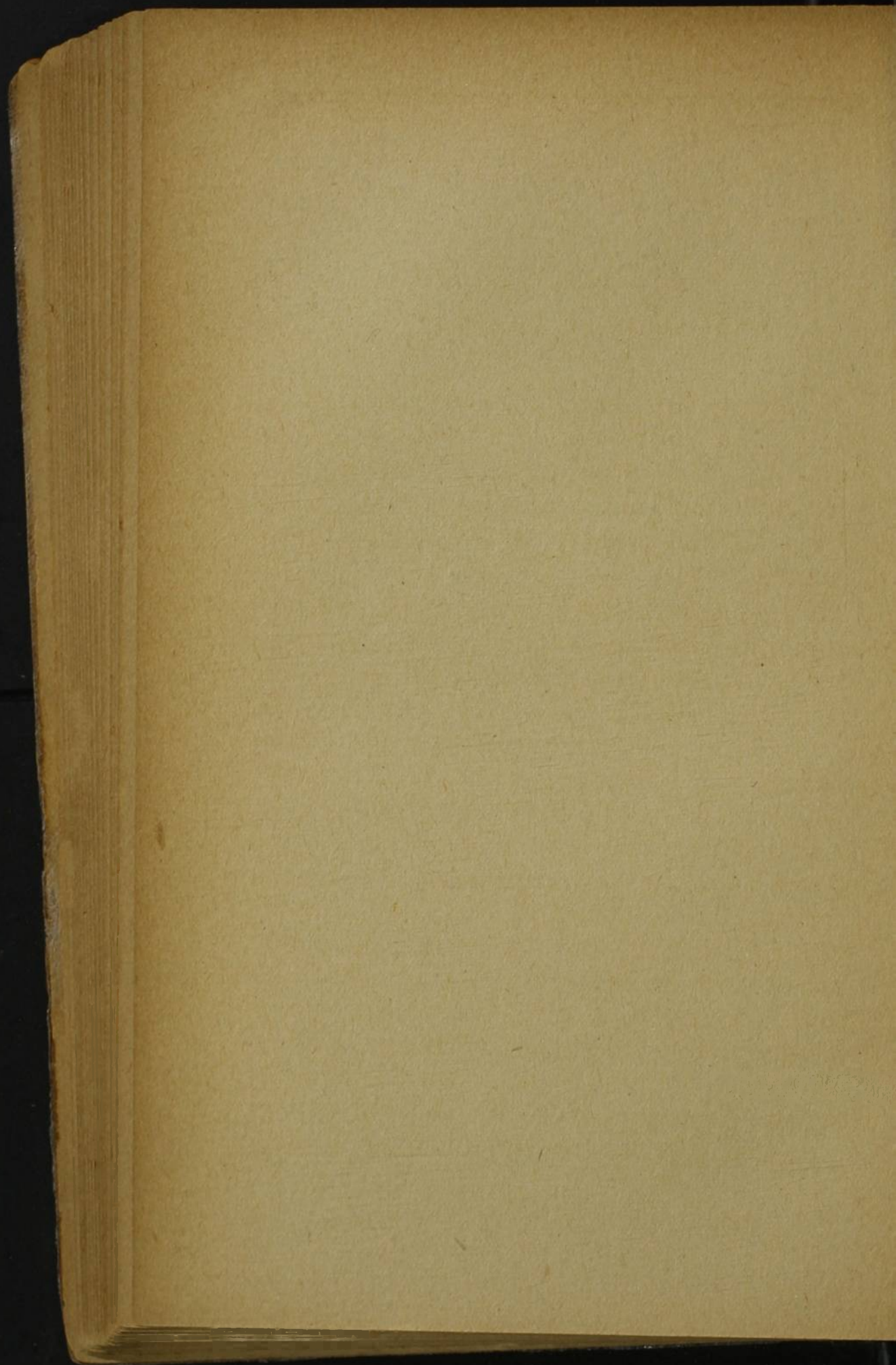
---

---

MINSK

---

---





---

**Q**UANDO tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito. Não era um cara-suja ordinário, de uma côr só, pequenino e mudo. Era um periquito grande, com manchas amarelas, andava torto, inchado, e fazia: — “Eh! eh!”.

Luciana recebeu-o, abriu muito os olhos espantados, estranhou que aquela maravilha viesse dos dedos curtos e nodosos de tio Severino, deu um grito selvagem, mistura de admiração e triunfo. Esqueceu os agradecimentos, meteu-se no corredor, atravessou a sala de jantar, chegou à cozinha, expôs à cozinheira e a Maria Júlia as penas verdes e amarelas que enfeitavam uma vida trêmula. A cozinheira não lhe prestou atenção, Maria Júlia franziu os beiços pálidos num sorriso desenhado. Luciana desorientou-se, bateu o pé, mas receou estragar o contentamento, desdenhou incompreensões, afastou-se com a idéia de baptizar o animalzinho. Acomodou-o no fura-bôlo e entrou a passear pela casa, contemplando-o, cician-

do beijos, combinando sílabas, tentando formar uma palavra sonora. Nada conseguindo, sentou-se à mesa de jantar, abriu um atlas. O periquito saltou-lhe da mão, escorregou na fôlha de papel, moveu-se desajeitado, percorreu lento vários países, transpôs rios e mares, deteve-se numa terra de cinco letras.

— Como se chama êste lugar, Maria Júlia?

Maria Júlia veio da cozinha, soletrou e decidiu:

— Minsk.

— Esquisito. Minsk?

— É.

Não confiando na ciência da irmã, Luciana pegou o livro, avizinhou-se de mamãe, apontou o nome que negrejava na carta, junto aos pés do periquito:

— Diga isto aqui, mamãe.

— Minsk.

— Engraçado. Pois fica sendo Minsk, sim senhora. Caminhou muito e parou em Minsk. E' Minsk.

Nomeado o periquito, Luciana dedicou-se inteiramente a êle: mostrou-lhe os quartos, os móveis, as árvores do quintal, apresentou-o ao gato, recomendando-lhes que fôsem amigos. Explicou miüdamente que Minsk não era um rato e, portanto, não devia ser comido. Advertência desnecessária.



o bichano, obeso, tinha degenerado, perdido o faro, e queria viver em paz com tôdas as criaturas. Aceitou a nova camaradagem e, dias depois, estirado numa faixa de sol, cerrava os olhos e agüentava paciente bicoradas na cabeça. Essa estranha associação lisonjeou Luciana, que supôs ter vencido o instinto carniceiro da pequena fera e a mimoseou com as sobras da afeição dispensada ao periquito.

O instinto de mamãe é que não se modificava: de quando em quando lá vinham arrelias, censuras, cocorotes e puxões de orelhas, porque Luciana era espevitada, fugia regularmente de casa, desprezava as bonecas da irmã e estimava a companhia de seu Adão carroceiro.

— Luciana!

Luciana estava no mundo da lua, monologando, imaginando casos romanescos, viagens para lá da esquina, com figuras misteriosas que às vezes se uniam, outras vezes se multiplicavam.

A chegada de Minsk alterou os hábitos da garôta, mas isto no comêço passou despercebido e mamãe continuou a fiscalizar o ferrolho alto da porta, a afastar as cadeiras da janela, excelente para fugas. Pouco a pouco cessaram as precauções — as amigas invisíveis de d. Henriqueta da Boa-Vista dei-



xaram de visitá-la. D. Henriqueta da Boa-Vista era a personalidade que Luciana adoptava quando se erguia nas pontas dos pés, a boca pintada, as unhas pintadas, bancando moça. Perdeu o costume de andar assim, ganhar cinco centímetros apoiando os calcanhares nos tacões inexistentes de d. Henriqueta da Boa-Vista, esqueceu as escapadas, as aventuras na carroça de seu Adão.

— Luciana!

Agora Luciana se encolhia pelos cantos, vagarosa, Minsk empoleirado no ombro. Sentia-se novamente miúda, quási uma ave, e tagarelava, dizia as complicações que lhe fervilhavam no interior, coisas a que de ordinário ninguém ligava importância, repelidas com aspereza. Mamãe saía dos trilhos sem motivo. A criada negra, rabugenta, estúpida, grunhia: — “Hum! hum!” Maria Júlia era aquela preguiça, aquela carne bamba, dessorada, e comportava-se direito em cima de revistas e bruxas de pano, triste. Papai sumia-se de manhã, voltava à noite, lia o jornal. E tio Severino, idoso, considerado, sentava-se na cadeira de braços e falava difícil. Nenhum dêsses viventes percebia as conversas de Luciana. Seu Adão carroceiro é que procurava decifrá-las, em vão: arredondava os bugalhos brancos, estirava o beijo grosso, coçava o pixaim, desanimado. Por isso Luciana in-



ventava interlocutores, fazia confidências às árvores do quintal e às paredes. Esse exercício, agradável durante minutos, acabava sempre fatigando-a. As sombras misturavam-se, esvaíam-se. Afinal desapareceram, substituídas pelo periquito, colorido e ruído, de espírito dócil e compreensivo,

— Minsk!

Minsk arregalava o olho, engrossava o pescoço, crescia para receber a carícia:

— Eh! eh!

Antes de amanhecer estalava na casa o grito agudo que aperreava mamãe. Uma ponta da coberta descia da cama da menina. O periquito se chegava banzeiro, arrastando os pés apalhetados, segurava-se ao pano com as unhas e com o bico, subia. Os braços magros de Luciana curvavam-se sobre o peito chato, formavam um ninho. E os dois cochilavam um ligeiro sonho doce.

Minsk era também um ser disposto às aventuras e à liberdade. Agitavam-no caprichos, confusas recordações do mato, e batia as asas, alcançava a copa da mangueira, voava daí, passava algumas horas vadiando pela vizinhança. Satisfeitos êsses ímpetos de selvagem, regressava, pulava dos galhos, pisunhava no chão, doméstico e trôpego. Se se demorava na pândega, Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredos



res, bradava com desespero, até que ouvia duas notas estridentes, localizava o fugitivo, saía de casa como um redemoinho, empurrava as portas, estabanada:

— Quero o meu periquito.

Entrava sem cerimônia, dava buscas, voltava triunfante, com o vagabundo no ombro. Virava o rosto, enviava-lhe beijos. Minsk se equilibrava agarrando-se à alça da camisa dela, metia a cabeça no cabelo revôltto, bicava delicadamente as orelhas e o couro cabeludo.

Ora, Luciana, estouvada, nunca via os lugares onde pisava. Mexia-se aos repelões, deixava em pontas e arestas fragmentos da roupa e da pele. Tinha além disso o mau vêzo de andar com os olhos fechados e de costas. Sabia que essa maneira de locomover-se irritava as pessoas conhecidas, indivíduos ranzinzas, exigentes. Mas a tentação era forte. E se conseguia, de olhos fechados e de costas, atravessar o corredor e a sala de jantar, descer os degraus de cimento, chegar ao banheiro, considerava-se atilada e rejeitava as opiniões comuns. Optimismo curto. Uma pisada em falso, um choque na mesa, um trambolhão, e o orgulho se desmanchava. Um calombo aparecia no quengo, engrossava, justificava as impertinências caseiras. Luciana baixava a crista, humilhada,



Necessário recomençar as experiências até acertar.

Um dia em que marchava assim pisou num objecto mole, ouviu um grito. Levantou o pé, sentindo pouco mais ou menos o que sentira ao ferir-se num caco de vidro. Virou-se, alarmada, sem perceber o que estava acontecendo. Havia uma desgraça, com certeza havia uma desgraça. Ficou um minuto perplexa, e quando a confusão se dissipou, sacudiu a cabeça, não querendo entender.

— Minsk!

A aflicção repercutiu na casa, ofendeu os ouvidos de mamãe, de Maria Júlia, da cozinheira, chegou ao quintal e à rua.

— Minsk! gritou mais baixo.

Parecia que era ela que estava ali estendida no tijolo, verde e amarela, tingindo-se de vermelho. Era ela que se tinha pisado e morria, trouxa de penas ensangüentadas. Minsk. Devia ser um sonho ruim, com lobisomens e bichos perversos. Os lobisomens iam surgir. Porque não acordava logo, Deus do céu? Saltar a janela, andar em ruas distantes, entrar na carroça de seu Adão.

— Minsk!

Êle ia exhibir-se, fôfo, importante, banzeiro, arrastando os pés, todo trocado: —  
"Eh! eh!"

— Não morra, Minsk.

Pobrezinho. Como aquilo doía! Um bôlo na garganta, um pêso imenso por dentro, qualquer coisa a rasgar-se, a estalar.

— Minsk!

Êle estava sentindo também aquilo. Horrível semelhante enormidade arrumar-se no coração da gente. Porque não lhe tinham dito que o desastre ia suceder? Não tinham. Ameaças de pancadas, quedas, esfoladuras, coisas simples, sofrimentos ligeiros que logo se sumiam sob tiras de esparadrapo. O que agora havia se diferenciava das outras dores.

Os movimentos de Minsk eram quasi imperceptíveis; as penas amarelas, verdes, vermelhas, esmoreciam por detrás de um nevoeiro branco.

— Minsk!

A mancha pequena agitava-se de leve, tentava exprimir-se num beijo:

— Eh! eh!



---

---

CADEIA

---

---





---

**F**ABIANO tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara de mais.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em côvado, receoso de ser enganado. Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.

Aí certificou-se novamente de que o querosene estava baptizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. Seu Inácio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beiços à manga, contraíu o rosto. Ia jurar

que a cachaça tinha água. Porque seria que seu Inácio botava água em tudo? perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodegueiro:

— Porque é que vossemecê bota água em tudo?

Seu Inácio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dêle era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por êste mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria?

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

— Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

— Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. E' conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque



e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.

— Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente.

Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano enca-lacrrou-se também. Sinha Vitória ia danar-se, e com razão.

— Bem feito.

Ergueu-se furioso, saíu da sala, trombudo.

— Espera aí paisano, gritou o amarelo.

Fabiano, as orelhas ardendo, não se virou. Foi pedir a seu Inácio os troços que êle havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforjes no ombro, ganhou a rua.

Debaixo do jatobá do quadro taramelou com sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. Que desculpa iria apresentar a sinha Vitória? Forjava uma explicação difícil. Perdera o embrulho da fazen-



da, pagara na botica uma garrafada para sinha Kita louceira. Atrapalhava-se: tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções com que pretendia justificar-se a figura de sinha Kita aparecia sempre, e isto o desgostava. Arrumaria uma história sem ela, diria que haviam furtado o cobre da chita. Pois não era? Os parceiros o tinham pelado no trinta-e-um. Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bôlso do gibão e levara sumiço. Falaria assim: — “Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo”. Não, não encontrara ninguém. Atrapalhava-se de novo. Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem. Pois estava acabado. O dinheiro fugira do bôlso do gibão, na venda de seu Inácio. Natural.

Repetia que era natural quando alguém lhe deu um empurrão, atirou-o contra o jatobá. A feira se desmanchava; escurecia; o homem da iluminação, trepando numa escada, acendia os lampiões. A estrêla papa-ceia branqueou por cima da tôrre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou



coxeando, com os talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de frutas; seu vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; sinha Rita louceira retirou-se.

Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jôgo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o querosene, ia-se alumiá-lo durante a semana com pedaços de facheiro. Aprumou-se, disposto a viajar. Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquêlê tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catinga êle às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.

— Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

— Desafasta, bradou a polícia.

E insultou Fabiano, porque êle tinha deixado a bodega sem se despedir.

— Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jôgo?



Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reião em cima da alpercata do vaqueiro.

— Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com fôrça. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dê-le. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

— Toca prà frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

— Está certo, disse o cabo. Façaombo, paisano.

Fabiano caíu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilingou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

— Hum! hum!

Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fôra prêso. De repente um



fusuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

— Bem, bem.

Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras.

Ora, o soldado amarelo. . . Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que êle, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprêzo:

— Safado, mofino, escarro de gente.

Por môr de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. Engatinhando, procurou os alforjes que haviam caído no chão, certificou-se de que os objectos comprados na feira estavam todos ali. Podia ter-se perdido alguma coisa na confusão. Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exactamente o que sinha Vitória desejava.



Encolhendo um tostão em côvado, por sovinice, acabava o dia daquele jeito.

Tornou a mexer nos alforjes. Sinha Vitória devia estar desassossegada com a demora dêle. A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. Com certeza haviam fechado a porta da frente.

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, êle teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para êle. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nêle? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a tôdas as violências, a tôdas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e agüentavam cipó de boi oferecia consolações: — “Tenha paciência. Apanhar do govêrno não é desfeita”.

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

— An!

E, por mais que forcejasse, não se convencencia de que o soldado amarelo fôsse go-



vêrno. Govêrno, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O govêrno não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

— Bem, bem. Não há nada não.

Havia muitas coisas. Êle não podia explicá-las, mas havia. Fôssem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Êle, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

— An!

Estava tudo errado.

— An!

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga. Tinha graça. Não dava um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória provava o caldo na quenga de côco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinha Vitória, inquieta, com certeza fôra muitas vezes escutar na porta da frente. O gallo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam.

Se não fôsse isso... An! em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nêle meio quarteirão de querosene.

Pobre de sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de fôlha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.



Estava tão cansado, tão machucado, que ia quási adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos agüentando fumaça nos olhos.

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fôsse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bêbedo, caíu numa indecisão dolorosa. Êle também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava prêso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque êle não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dêle? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, conser-



tava as cêrcas, curava os animais — aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fôsse aquilo... Nem sabia. O fio da idéia cresceu, engrossou — e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fôssem perguntar a êle. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fêz. Êle, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.

O que desejava... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão, a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, sinha Vitória tropicava debaixo do baú dos trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por em-



bromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aquêles sujeitos acorados em torno do fogo? Que dizia aquêle bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que êles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para agüentar facão. Era o que êle queria dizer.

E havia também aquêle fogo-corredor que ia e vinha no espírito dêle. Sim, havia aquilo. Como era? Precisava descansar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. E doía-lhe a cabeça tôda, parecia-lhe



que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo.

Pobre de sinha Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe. Se não fôsem eles...

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia prêso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fôsse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aquêles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, saíria dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dêle. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aquêles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Si-



nha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.





---

---

FESTA

---

---





---

FABIANO, sinhá Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade. Eram três horas, fazia grande calor, redemoinhos espalhavam por cima das árvores amarelas nuvens de poeira e fôlhas sêcas.

Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e pisunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos. Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por sinhá Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinhá Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua — e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira sinhá Terta de arranjar farpelas para êle e para os filhos. Sinhá Ter-



ta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas.

Fabiano tentava não perceber essas desvantagens. Marchava direito, a barriga para fora, as costas aprumadas, olhando a serra distante. De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras. A posição forçada cansou-o. E ao pisar a areia do rio, notou que assim não poderia vencer as três léguas que o separavam da cidade. Descalçou-se, meteu as meias no bôlso, tirou o paletó, a gravata e o colarinho, roncou aliviado. Sinha Vitória decidiu imitá-lo: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puseram as chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade.

A cachorra Baleia, que vinha atrás, incorporou-se ao grupo. Se ela tivesse chegado antes, provavelmente Fabiano a teria enxotado. E Baleia passaria a festa junto às cabras que sujavam o copiar. Mas com a gravata e o colarinho machucados no bôlso, o paletó no ombro e as botinas enfiadas num pau, o vaqueiro achou-se perto dela e acolheu-a.



Retomou a posição natural: andou cambaio, a cabeça inclinada. Sinha Vitória, os dois meninos e Baleia acompanharam-no. A tarde foi comida facilmente, e ao cair da noite estavam na beira do riacho, à entrada da rua.

Aí Fabiano parou, sentou-se, lavou os pés duros, procurando retirar das grêtas fundas o barro que lá havia. Sem se enxugar, tentou calçar-se — e foi uma dificuldade: os calcanhares das meias de algodão formaram bolos nos peitos dos pés e as botinas de vaqueta resistiram como virgens. Sinha Vitória levantou a saia, sentou-se no chão e limpou-se também. Os dois meninos entraram no riacho, esfregaram os pés, saíram, calçaram as chinelinhas e ficaram espiando os movimentos dos pais. Sinha Vitória aprontava-se e erguia-se, mas Fabiano soprava arreliado. Tinha dominado a obstinação de uma daquelas amaldiçoadas botinas; a outra emperrava, e êle, com os dedos nas alças, fazia esforços inúteis. Sinha Vitória dava palpites que irritavam o marido. Não havia meio de introduzir o diabo do calcanhar no tacão. A um arranco mais forte, a alça de trás rebentou-se, e o vaqueiro meteu as mãos pela borracha, enèrgicamente. Nada conseguindo, levantou-se resolvido a entrar na rua assim mesmo, coxeando, uma



perna mais comprida que a outra. Com raiva excessiva, a que se misturava alguma esperança, deu uma patada violenta no chão. A carne comprimiu-se, os ossos estalaram, a meia molhada rasgou-se e o pé amarrotado se encaixou entre as paredes de vaqueta. Fabiano soltou um suspiro largo de satisfação e dor. Em seguida tentou prender o colarinho duro ao pescoço, mas os dedos trêmulos não realizaram a tarefa. Sinha Vitória auxiliou-o: o botão entrou na casa estreita e a gravata amarrou-se. As mãos sujas, suadas, deixaram no colarinho manchas escuras.

— Está certo, grunhiu Fabiano.

Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua. Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. Impossível dizer porque sinha Vitória levava o guarda-chuva com a biqueira para cima e o castão para baixo. Ela própria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adoptava o costume.

Fabiano marchava teso.

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por



isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que êles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.

Chegaram à igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam de mais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a incomodava era aquêles cheiro de fumaça.

Os meninos também se espantavam. No mundo, súbitamente alargado, viam Fabiano e sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aquê-



les objectos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia na fazenda o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o. De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser prêso. Era como se as mãos e os braços da multidão fôsem agarrá-lo, subjugá-lo, espremê-lo num canto da parede. Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite. Soprava e esforçava-se inútilmente por abanar-se com o chapéu. Difícil mover-



se, estava amarrado. Lentamente conseguiu abrir caminho no povaréu, esgueirou-se até junto da pia de água benta, onde se deteve, receoso de perder de vista a mulher e os filhos. Ergueu-se nas pontas dos pés, mas isto lhe arrancou um grunhido: os calcanhares esfolados começavam a afligi-lo. Distinguiu o cocó de sinha Vitória, que se escondia atrás de uma coluna. Provavelmente os meninos estavam com ela. A igreja cada vez mais se enchia. Para avistar a cabeça da mulher, Fabiano precisava esticar-se, voltar o rosto. E o colarinho furava-lhe o pescoço. As botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito. Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletó engomados, botinas de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava aprumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados.

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dêle. Fa-



zia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fôra enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com êle riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto.

— Preguiçosos, ladrões, faladores, mo-finos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. Mordeu os beijos. Não poderia dizer semelhante coisa. Por falta menor agüentara facão e dormira na cadeia. Ora o soldado amarelo... Sacudiu a cabeça, livrou-se da recordação desagradável e procurou uma cara amiga na multidão. Se encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir,



bater palmas. Depois falaria sôbre gado. Estremeceu, tentou ver o cocó de sinha Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. Aproximou-se dêles, alcançou-os no momento em que a igreja começava a esvaziar-se.

Saíram aos encontrões, desceram os degraus. Empurrado, machucado, Fabiano tornou a pensar no soldado amarelo. No quadro, ao passar pelo jatobá, virou o rosto. Sem motivo nenhum, o desgraçado tinha ido provocá-lo, pisar-lhe o pé. Êle se desviara, com bons modos. Como o outro insistisse, perdera a paciência, tivera um rompante. Conseqüência: facão no lombo e uma noite de cadeia.

Convidou a mulher e os filhos para os cavalinhos, arrumou-os, distraíu-se um pouco vendo-os rodar. Em seguida encaminhou-os às barracas de jôgo. Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, com a tentação de arriscá-lo no bozó. Se fôsse feliz, poderia comprar a cama de couro cru, o sonho de sinha Vitória. Foi beber cachaça numa tolda, voltou, pôs-se a rondar indeciso, pedindo com os olhos a opinião da mulher. Sinha Vitória fêz um gesto de reprovação, e Fabiano retirou-se, lembrando-se do jôgo que tivera em casa de seu Inácio, com o soldado amarelo. Fôra roubado, com



certeza fôra roubado. Avizinhou-se da tolda e bebeu mais cachaça. Pouco a pouco ficou sem-vergonha.

— Festa é festa.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as. Estava resolvido a fazer uma asneira. Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se com êle. Andou entre as barracas, emproado, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés. Queria era desgraçar-se, dar um pano de amostra àquêle safado. Não ligava importância à mulher e aos filhos, que o seguiam.

— Apareça um homem! berrou.

No barulho que enchia a praça ninguém notou a provocação. E Fabiano foi esconder-se por detrás das barracas, para lá dos tabuleiros de doces. Estava disposto a esbagaçar-se, mas havia nêle um resto de prudência. Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. Impelido por fôrças opostas, expunha-se e acautelava-se. Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente, viesse plantar-lhe no pé a reiúna. O soldado amarelo, falto de substância, ganhava fumaça na companhia dos parceiros. Era bom evitá-lo. Mas a lembrança dêle tornava-se às vezes horrível. E Fabiano estava



tirando uma desforra. Estimulado pela cachaca, fortalecia-se:

— Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.

Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, com medo dêle. Insultou-os:

— Cambada de...

Parou agoniado, suando frio, a bôca cheia de água, sem atinar com a palavra. Cambada de quê? Tinha o nome debaixo da língua. E a língua engrossava, perra, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados. Recuou alguns passos, entrou a engulhar. Em seguida aproximou-se novamente das luzes, capengando, foi sentar-se na calçada de uma loja. Estava desanimado, bambo; o entusiasmo arrefecera. Cambada de quê? Repetia a pergunta sem saber o que procurava. Olhou de perto a cara da mulher, não conseguiu distinguir-lhe os traços. Sinha Vitória perceberia a atrapalhão dêle? Havia ali outros matutos conversando, e Fabiano enjoou-os. Se não estivesse tão ansiado, arrotando, suan-

do, brigaria com êles. A interrogação que lhe aperreava o espírito confuso juntou-se à idéia de que aquelas pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada. Queria que o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. Cambada de quê? Soltou um grito áspero, bateu palmas:

— Cambada de cachorros.

Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se. Cambada de cachorros. Evidentemente os matutos como êle não passavam de cachorros. Procurou com as mãos a mulher e os filhos, certificou-se de que êles estavam acomodados. Uma contracção violenta no pescoço entortou-lhe o rosto, a bôca encheu-se novamente de saliva. Pôs-se a cuspir. Serenou, respirou com fôrça, passou os dedos por um fio de baba que lhe pendia do beijo. Estava era tonto, com uma zoadinha infeliz nos ouvidos. Ia jurar que mostrara valentia e correria perigo. Achava ao mesmo tempo que havia cometido uma falta. Agora estava pesado e com sono. Enquanto andara fazendo espalhafato, a cabeça cheia de aguardente, desprezara as esfoladuras dos pés. Mas esfriava, e as botinas de vaqueta magoavam-no em demasia. Arrancou-as, tirou as meias, libertou-se do colarinho, da gravata e do paletó, enrolou tudo, fêz um travesseiro, estirou-se no cimento, puxou pa-



ra os olhos o chapéu de baeta. E adormeceu, com o estômago embrulhado.

Sinha Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. Podia esconder-se no fundo do quadro, por detrás das barracas, para lá dos tamboretas das doceiras. Ergueu-se meio decidida, tornou a acorcorar-se. Abandonar os meninos, o marido naquele estado? Apertou-se e observou os cantos com desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente, chegou à esquina da loja, onde havia um magote de mulheres agachadas. E, olhando as frontarias das casas e as lanternas de papel, molhou o chão e os pés das outras matutas. Arrastou-se para junto da família, tirou do bolso o cachimbo de barro, atochou-o, acendeu-o, largou algumas baforadas longas de satisfação. Livre da necessidade, viu com interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. Realmente a vida não era má. Pensou com um arrepio na sêca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas. O burburinho da multidão era doce, o realejo fanhoso dos cavalinhos não descansava. Para a vida ser boa, só faltava a sinha Vitória



uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. Ficou ali de cócoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa.

Os meninos trocavam impressões cochichando, aflitos com o desaparecimento da cachorra. Puxaram a manga da mãe. Que fim teria levado Baleia? Sinha Vitória levantou o braço num gesto mole e indicou vagamente dois pontos cardeais com o canudo do cachimbo. Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha? Indiferentes à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jogo e aos foguetes, só se importavam com as pernas dos transeuntes. Coitadinha, andava por aí perdida, agüentando pontapés.

De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando com a língua e com o rabo um vivo contentamento. O menino mais velho agarrou-a. Estava segura. Tentaram explicar-lhe que tinham tido susto enorme por causa dela, mas Baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas per-



cebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos.

A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objectos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não

tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Cheios de admiração e de medo, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

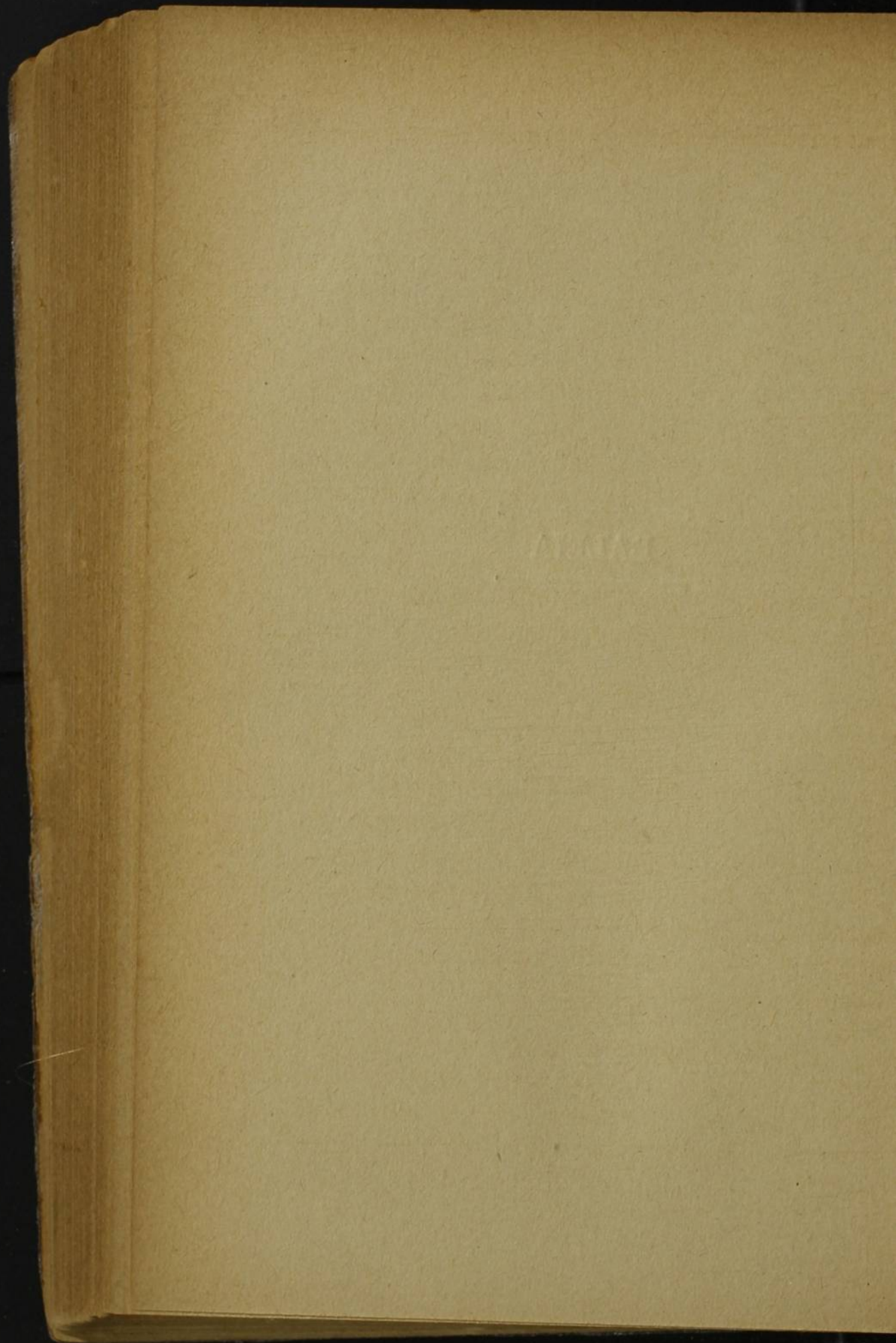
Baleia cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertavam.

Sinha Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomás da bolandeira, uma cama de verdade.

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nêle um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reiúnas e ameaçavam-no com facões terríveis.



BALEIA





---

**A** CACHORRA BALEIA estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de môscas. As chagas da bôca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sa-bugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de rôscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fêz tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinha Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

— Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebolavam na areia do rio e no estrume fôfo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.

Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugá-los resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.



Os meninos começaram a gritar e a es-  
pernear. E como sinha Vitória tinha rela-  
xado os músculos, deixou escapar o mais ta-  
ludo e soltou uma praga:

— Capeta excomungado.

Na luta que travou para segurar de no-  
vo o filho rebelde, zangou-se de verdade.  
Safadinho. Atirou um cocorote ao crânio  
enrolado na coberta vermelha e na saia de  
ramagens.

Pouco a pouco a cólera diminuiu, e si-  
nha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se  
da cadela achacada, gargarejou muxoxos e  
nomes feios. Bicho nojento, babão. Inconve-  
niência deixar cachorro doido solto em casa.  
Mas compreendia que estava sendo severa  
de mais, achava difícil Baleia endoidecer  
e lamentava que o marido não houvesse es-  
perado mais um dia para ver se realmente a  
execução era indispensável.

Nesse momento Fabiano andava no co-  
piar, batendo castanholas com os dedos. Si-  
nha Vitória encolheu o pescoço e tentou en-  
costar os ombros às orelhas. Como isto era  
impossível, levantou os braços e, sem lar-  
gar o filho, conseguiu ocultar um pedaço da  
cabeça.

Fabiano percorreu o alpendre, olhando  
a baraúna e as porteiras, açulando um cão  
inivível contra animais invisíveis:



— Ecô! ecô!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fa-



biano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali, cobria-se de poeira, evitava as môscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha fôlhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros.

Caíu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano.



Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quasi imperceptíveis.

Como o sol a encandeasse, conseguiu adiantar-se umas polegadas e escondeu-se numa nesga de sombra que ladeava a pedra.

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nêle partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Começou, a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beiços torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfacto cada vez mais se embotava: certamente os preás tinham fugido.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objecto esquisito na mão. Não conhecia o objecto, mas pôs-se a tremer, convencida de que êle encerrava surpresas desagradáveis. Fêz um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou



que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dêle, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

O objecto desconhecido continuava a ameaçá-la. Conteve a respiração, cobriu os dentes, espiou o inimigo por baixo das pestanas caídas. Ficou assim algum tempo, depois sossegou. Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido.

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera.

Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aquêles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzí-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência dêles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não attribuía a êsse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana



deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Êstes sons não interessavam Baleia mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanções familiares revelavam-lhe a presença dêles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoado.

Baleia respirava depressa, a bôca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, sinha Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numero-

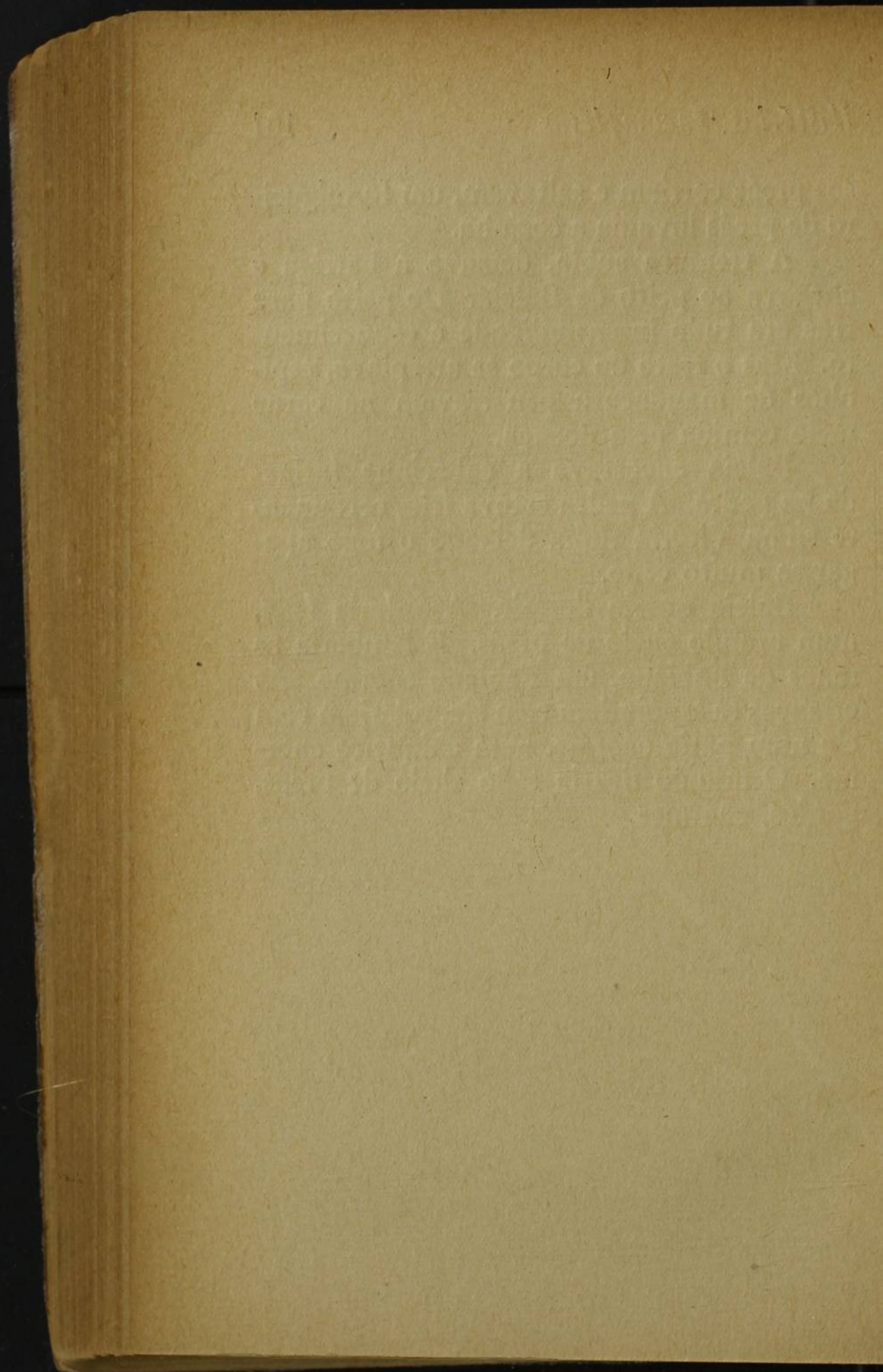


sos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.





---

---

UM INCÊNDIO

---

---





---

NUMA das viagens ao sítio, José convidou-me para visitar os restos do incêndio que devorara uma das cabanas arrumadas além do aceiro. Fui, receoso. Nunca me havia aproximado daqueles ranchos, onde fervilhavam os diabinhos maliciosos que afligiam as mulheres da lavoura.

Venceu-me a curiosidade: um fogo capaz de suprimir casas era realmente admirável. Eu não supunha o fogo com tantos poderes. Via-o doméstico, lambendo a trempe da cozinha, elevando-se um pouco no largo, em noites de S. João, e às vezes causando malefícios diminutos, como no dia em que uma brasa caíra do cachimbo de Maria Melo no ombro de minha irmã. Responsabilizavam-no agora por uma devastação volumosa — e isto me surpreendia. Zangarasse, procedera como os cavalos mansos que tomam o freio nos dentes.

Deixei o meu carneiro branco amarrado à sombra e saí com o moleque em direcção às cabanas. Uma havia desaparecido. Os

destroços dela espalhavam-se, ainda fume-gantes, cinza, um lixo negro e quente que não nos consentia aproximação. De longe, senti-me logrado: esperava descobrir labare-das subindo ao céu, madeira estalando, nu-vens rubras — e ali se achatavam porcarias. Desgostei-me e não pude atentar nelas.

No terreiro, diante do rescaldo, homens e mulheres choravam, lamentavam-se, ges-ticulavam. E alguns, sentados em baús, pa-reciam idiotas, silenciosos e inertes. Desviei-me de um objecto, escuro, semelhante a um tóco chamuscado. Os olhos em redor esta-vam fixos naquilo, e pouco a pouco distin-gui palavras no alarido, o esbôço do caso medonho.

Enquanto os homens trabalhavam na roça e os meninos vadiavam pela vizinhan-ça, duas pretinhas faziam a comida, sopran-do a lenha, agitando o abano. Uma faísca chegara à parede e em minutos a palha ar-dia. As criaturas haviam tentado reparar o desastre. Nada conseguindo, a mais nova fugira. A outra resolvera esvaziar a casa: salvara as panelas, o ralo, as esteiras, a ca-ma de varas, a trouxa de roupa, as arcas. Surda aos chamados da irmã, arrecadara to-dos os trastes, menos a litografia de Nossa Senhora, provavelmente sapecada na cama-rinha. As paredes sumiam-se, o teto se des-



moronava, a porta única era uma goela vermelha, donde saíam línguas temerosas. Apesar disso, mergulhara na fornalha, em busca da imagem benta. De volta, achara a passagem obstruída e morrera. Estava ali. Uma rapariga gemia entre soluços que procurara dissuadir a infeliz: Nossa Senhora não precisava de ninguém, escaparia, se quisesse. A teimosa recusara os conselhos — e estava ali. Os olhos se pregavam na coisa estendida junto ao borralho.

A narração me embrulhava o estômago, a fumaça me arrancava lágrimas, dava-me dores de cabeça. Eu nunca tinha visto um cadáver. Receava e desejava examinar aquele, mas certamente se desmanchara na catástrofe. Arrependia-me de haver atendido ao convite de José. Bom voltar ao sítio, deitar-me num colchão de fôlhas, admirar os periquitos, as flores de mulungu, as espigas amarelas. Não conseguiria, porém, tranqüilidade. Excitava-me, prêso ao cisco ardente e fuliginoso, ao choro, às lamúrias, propenso, num gôsto mórbido, a torturar-me.

Seguindo o gesto do grupo inconsolável, cheguei-me ao tronco escuro, exposto no chão, uma preciosidade. Porquê? Não me capacitava do valor, estranhava que se referissem a êle com respeito, lhe dessem nome de cristão. Pedacos da realidade me en-



travam no entendimento, eram repelidos, tornavam, confusos. Afirmações e negações quási simultâneas me assaltavam. Jazia ali um ser humano. Logo recusava a proposição insensata. Nada de humano: tinha a aparência vaga de um rôlo de fumo. Isto, rôlo de fumo, semelhante aos que meu pai guardava no armazém, umedecidos em líquido viscoso, empacavirados em bananeira. Apenas aquêlê não estava úmido nem coberto: estava nu e torrado. Um rôlo de fumo ordinário, dos que se vendem nas baracas de feira, pelando-se, esfarelendo-se ao sol. Difícil atribuir-lhe nome de mulher, existência de mulher. Contudo as exclamações reiteradas, fragmentos de asserções contínuas, desbaratarem a evidência, deram-me afinal a certeza de que se achavam no terreiro porções da negra morta. Forçava-me a não perceber nexos entre aquela espécie de barroto queimado e a sujeita valente que se mexera, defendendo os trens domésticos, a ausência de braços e de pernas. A energia mencionada e a inércia visível debatiam-se dentro de mim. A indecisão transformou-se em grande medo, não da coisa parada, mas da que se movera e continuava a mover-se nas queixas próximas. Esta iria surgir talvez, animar a outra e punir-me. Não havendo obtido licença para ver o desastre,



sentia-me culpado, mas era impossível determinar o grau da culpa. Considerava-me profanador. Não me permitiriam ver defuntos, sobretudo aquêle, privado das formas comuns, conseqüência de tragédia. Curvei-me, num arremêso de coragem. Falta-va-lhe o cabelo, faltava a pele — e não havendo seios nem sexo, perdiam-se os restos de animalidade. A superfície vestia-se de crostas, como a dos metais inúteis, carcomidos no abandono e na ferrugem. Em alguns pontos semelhava carne assada, e havia realmente um cheiro forte de carne assada; fora daí ressecava-se de mais. Nesse torrão cascalhoso sobressaía a cabeça, o que fôra cabeça, com as órbitas vazias, duas fileiras de dentes alvejando na devastação, o buraco do nariz, a expelir matéria verde, amarelenta. Distingui uma cara, sobra de cara, máscara pavorosa, mais feia que as dos papangus do carnaval. Não enxerguei pormenores: vi apenas, de relance, a dentadura, as órbitas vazias, o fluxo purulento.

Mudei a vista, arredei-me engulhando, amaldiçoando José, que me expusera a enorme desgraça e analisava tudo com interesse. Afastei-o, regressámos ao sítio, mas as sombras das árvores, as flores de mulungu e as aves não me deram sossêgo. Condenava-me e condenava o moleque. Se não me



houvesse rendido à tentação, aquela imundície não existiria, pelo menos não existiria no meu espírito.

Cheguei a casa precisando confessar-me, livrar-me da recordação medonha. Narrei o que vira e o que ouvira: fagulhas alcançando a palha, roendo a palha, semeando estragos; a mulher conduzindo móveis, defendendo a Virgem Maria, sucumbindo enrolada em chamas, depois estirada no chão, sem braços e sem pernas, os dentes arreganhados numa careta. Dois buracos tenebrosos, gelatina esverdeada a correr das ventas.

Arrepiava-me, repetia a descrição, excitava-me tanto que meus pais tentaram acalmar-me, reduzir o sinistro. Não havia motivo para a gente se aperrear. Fôra uma infelicidade, sem dúvida. Mas era a vontade de Deus, estava escrito. E podia ser pior, muito pior. Se se tivesse queimado a igreja, ou a loja de seu Quinca Epifânio, a mais importante da vila, o dano seria tremendo. Deus era misericordioso: contenta-se com uma habitação miserável, situada longe da rua, e com o sacrifício de uma preta anônima. Não me convenci. A loja do seu Quinca Epifânio e a igreja não tinham nada com o negócio. Eu não vira incêndio na igreja nem na loja de seu Quinca Epifânio: vira uma choupana destruída, e a choupana



crescia, igualava-se às construções de tijolo. Seu Quinca Epifânio e padre João Inácia estavam vivos. Se tivessem morrido no fogaréu, não seriam mais nojentos que a negra.

Deviam repreender-me, dizer que me comportara mal abandonando o aceiro, as árvores, os periquitos, as flores. A lembrança infeliz me atormentava: necessário que os outros soubessem isto e me censurassem. Tinham sido sempre rigorosos em demasia, e agora me deixavam com aquêles pêso no interior. A argüição e o castigo me dariam talvez um pouco de calma: eu esqueceria, nos lamentos e na zanga, a visagem terrível. Não me puniram, quiseram transformar aquêles horror num facto ordinário.

À noite o sono fugiu, não houve meio de agarrá-lo. A negra estava ali perto da minha cama, na mesa da sala de jantar, sem braços, sem pernas, e tinha dois palmos, três palmos de menino. De repente se desenvolvia em excesso, monstruosa. Sob a testa imensa rasgavam-se precipícios imensos. O nariz era um açude imenso, de pus. E os dentes se alargavam, numa gargalhada imensa. Em noites comuns, para escapar aos habitantes da treva, eu envolvia a cabeça. Isto me resguardava: nenhum fantasma viria perseguir-me debaixo do lençol. Agora não

conseguia preservar-me. O tição apagado avizinhou-se, puxava a coberta, ligava-se ao meu corpo, sujava-me com a salmoura que vertia de grêtas profundas. As órbitas vazias espiavam-me, a lama do nariz borbulhava num estertor, os dentes se acavalavam e queriam morder-me. Encolhia-me, escondia o rosto no travesseiro, e a visão continuava a atenuar-me. Os arrepios que me agitavam mudaram-se em tremor violento. Não resisti ao suplício, gritei como um doído, alarmei a família. Vieram buscar-me, tentaram varrer-me o espectro da imaginação, acomodaram-me aos pés da cama do casal. Aí me abati, no círculo de luz da lamparina, ouvindo o canto dos galos, até que a madrugada me trouxe uma ligeira modorra cheia de sonhos ruins. Adormeci com a figura asquerosa, despertei com ela.

Durante o dia voltei a mencioná-la, a descrevê-la, nauseado. Procurei o autor daquela sórdida agonia e responsabilizei Nossa Senhora. Se a criatura não tivesse tido a idéia de salvar a imagem, estaria cortando palmas de ouricuri para fabricar nova cabana. Tinha devoção, e isto a perdera. Evidentemente a mãe de Deus era ingrata e feroz. Em paga de tão puro desvêlo — cólera, destruição.



As pessoas grandes, porém, refutaram o meu juízo de modo singular. A Virgem Maria tinha sido generosa. Escolhera a negra porque a julgava digna de salvação. Impusera-lhe algumas dores e em troca lhe oferecia o paraíso, sem o estágio do purgatório. O fogo do purgatório, horroroso, não se comparava aos lumes terrestres, e todos nós, cedo ou tarde, nos frigiríamos nêle. A negra tivera sorte. Provavelmente já estava no céu, diante de Jesus, misturada aos serafins.

Essa esquisita benevolência deixou-me perplexo. Calei-me, prudente, mas achei o comentário duvidoso e embrulhado. Não me parecia que o purgatório fôsse indispensável. E a negra, incompleta e imunda, não estava no céu. Que ia fazer lá? Estragaria as delícias eternas, mancharia as asas dos anjos.





---

---

CHICO BRABO

---

---





---

**O** QUE mais me desagradava naqueles dias de cegueira periódica era a fala de seu Chico Brabo, o vizinho da direita. A minha cama de lona, encostada à parede que nos separava do beco, estava perto da família Sabiá. A casa de seu Chico Brabo distanciava-se: havia de permeio a sala de jantar e a despensa. Mas quando êle falava, o bendito de d. Conceição esmorecia, findavam as conversas, os cochichos dos moleques na cozinha, o rumor do abano, o crepitar das labaredas que lambiam o angico no fogão. Era como se o homem tivesse atravessado muros e portas, estivesse ali junto de mim. Surpreendia-me o vozeirão tremendo, quási irreconhecível despido das gentilezas macias que o abrandavam na calçada e na rua.

Seu Chico Brabo era solteiro, de meia idade, grosso, baixo, na cara balofa e amarelenta uma barba ruiva, olhos miúdos e de porco. Não me lembro de tê-lo visto nas cavaqueiras de proprietários e negociantes, que, depois do vigário e do juiz, formavam

a aristocracia do lugar e marcavam a distinção usando capotes e cache-nez de lã no inverno. Vivia modestamente, aparecia em mangas de camisa, no peito descoberto uma grenha vermelhaça. Ignoro que ofício tinha. Arredio, isentava-se dos deveres sociais com sorrisos tímidos, cumprimentos, alguma frase obsequiosa.

Manipulava drogas, possuía uma farmácia caseira, chegava-se aos doentes e medicava-os de graça. Fazia festas às crianças, acariciava-as passando-lhes nos cabelos os dedos curtos e gordos.

Interessou-se vivamente pela asma de Leonor. Debruçado à janela, conversou com minha mãe, pedindo notícias e dando conselhos. No dia seguinte ofereceu-lhe uns pacotinhos de pó branco. Seguindo as prescrições dêle, minha irmã curou-se.

Na casa de seu Chico Brabo não havia saias: todo o serviço estava a cargo de João, um garôto de dez anos, estabanado, alegre, a alma se espelhando em duas filas de dentes largos, sempre expostos. João preparava a comida, trazia da feira os mantimentos, ia buscar água na cacimba da Intendência. Da minha cama de inválido, eu notava pedaços do trabalho dêle: móveis deslocados, o chiar da vassoura no tijolo. De repente



tudo se sumia, dominado pelo grito rouco e poderoso de seu Chico Brabo:

— João! Ô João!

O rapaz se esquivava, o chamado persistia, enérgico:

— João! Ô João!

Eu desejava que o menino acorresse, findasse o brado longo, a repreensão, o castigo. Se êle tardasse, o amo se zangaria, agravaria a punição. Engano. Seu Chico Brabo não se zangava: prosseguia do mesmo jeito, até que o pequeno se desentocasse e fôsse receber as pancadas. Essa falta de pressa nas duas partes me alarmava, dava-me suores frios. Como podia alguém conservar tranqüilidade em semelhante situação? Quando me acontecia uma desgraça como aquela, mexia-me, na tremura e no mêdo, a tentar uma defesa improvável, a condenar-me.

Realmente eu não sabia se seu Chico Brabo estava tranqüilo. Talvez houvesse nêle uma cólera maciça, inalterável. O objecto dela ficaria escondido muitas horas, sem aumentá-la, sem diminuí-la. A ausência de gradação enchia-me de pasmo, de um mal-estar novo. As cinco sílabas caíam pesadas, as duas primeiras juntas, as últimas depois de uma pausa. Arrepiava-me, cobria as orelhas com as palmas das mãos úmidas,



torcia-me com desespero, mentalmente me dirigia a um esconderijo:

— Sai, João. Vai logo.

Certamente aquilo era pior que tôdas as chicotadas. Um instante de silêncio, resfôlego encatarroado, tosse, gorgolejo de bicho frio. Na minha imaginação um corpo lento se desenroscava, o toicinho da papada tomava consistência, a brancura e a moleza se coloriam. Dedos curtos se alongavam, transformavam-se em garras.

E o apêlo tornava, rouco, formidável grunhido paciente de animal forte que nunca deixa o sossêgo.

Bem. Agora João tinha resolvido largar o refúgio, confiar-se ao destino, mas isto não abreviava a representação. Antes de lhe tombar no cachaço, com fôrça de malho, o punho cabeludo, havia uma extensa argüição, um minucioso rol de culpas, dividido em capítulos espaçados, findos na voz imutável:

— João! Ô João!

Como se gritava daquele modo a uma pessoa que estava ali perto, Deus do céu? Um grito longo, interrompido, recomeçado. Na cara biliosa haveria sem dúvida umas gotas de sangue. Isto não precipitava o desenlace: a tortura se aprofundava e alargava, metódica. Duas mãos inchadas segu-



ravam braços finos, sacudiam-nos reforçando as objurgatórias. Suponho que seu Chico Brabo não sentia prazer em magoar fisicamente a criança: gostava de aperreá-la devagar, ferí-la com palavras. E' possível que as palavras não ferissem, resvassem na alma habituada às ameaças. Afinal dois ou três golpes fofos. Guinchos de um; sopros, respiração ofegante do outro. Depois tudo se acalmava e os rumores comuns voltavam a embalar-me.

No dia seguinte João estaria assobian-do, cantando, arrastando as cadeiras, varrendo o tijolo. O homem lívido espalharia as banhas de capado no peitoril da janela, rosnaria grave e tímido à saüdação dos transeuntes, falaria às mulheres da vizinhança, ensinando-lhes mezinhas, prestimoso, solícito.

Duas figuras me perseguiam na doença prolongada: o sujeito amável, visto na rua, e a criatura feroz da sala de jantar. As discrepâncias avultavam, acumulavam-se — e era difícil admitir que alguém fôsse tão generoso e tão cruel. A recordação daquela doçura mole, dos papelinhos de pó branco, dos sorrisos, trazia-me ao espírito bondade completa; os urros furiosos e os sopapos descarregados em João exibiam-me completa maldade. Onde estava Chico Brabo? Qual



dos dois era o verdadeiro Chico Brabo? Estarrecia-me êsse desdobramento. Decerto havia nos filhos de Deus muito desconchavo e muita rabugem. Poucos chegavam, como d. Maria, a apresentar serenidade invariável, resistente a dores de barriga e enxaquecas. Mas d. Maria, a velha professora quási analfabeta, aproximava-se da santidade. Os outros viventes possuíam virtudes e defeitos, com desvios e oscilações. Chico Brabo parecia-me dois seres incompatíveis. Em vão tentei harmonizá-los. As lembranças multiplicavam-se, exageravam-se. Arreado na cama de lona, as pálpebras coladas, via distintamente um dêles. Os ouvidos excitados na cegueira fixavam na imaginação o segundo.

Quando a visão tornava, os dois tipos faziam as pazes, reciprocavam concessões. Os meus olhos enchiam-se de imagens. Os meninos de Teotoninho Sabiá esvoaçavam. José da Luz vinha contar-me histórias. Uma porta se abria na rua da Palha, expunha à vila a festa permanente do jardim florido. Nos sábados o largo se povoava de barracas; matutos, de gibão e guarda-peito, andavam na feira, aos tropicões, as rosetas das esporas tilintando. Domingo, na missa das dez, nuvens de incenso escureciam os altares, ramagens de chita e véus de noivas; repiques



de sinos abafavam o burburinho da multidão, gritos de almas novas e esgoelar-se na pia, baptizando-se. A vila se agitava. E nessa agitação Chico Brabo se diluía, pedaços de Chico Brabo se confundiam com pedaços de outros viventes. Os meus olhos piscos divagavam, buscando andorinhas no céu ou tropeçando na leitura.

Mas tornavam a inutilizar-se, a esconder-se, lacrimosos e supurantes, sob o pano escuro. E Chico Brabo novamente se desagregava. A parte boa ficava lá fora, gastando-se em gentilezas, em obséquios às donas de casas, aos meninos asmáticos. A parte ruim se concentrava na sala de jantar e demolia João.

Se Chico Brabo tivesse criados, vaqueiros, mulher, filhos, moleques na cozinha, dividiria, subdividiria a zanga, distribuí-la-ia equitativamente, e as parcelas nem seriam percebidas. Chico Brabo só dispunha daquela pequena subserviência. Depositava nela o veneno que produzia, purificava-se, voltava à sala, ia afagar as crianças, oferecer remédio às vizinhas.





---

---

UM INTERVALO

---

---





---

**S**EU NUNO quis transformar-me em ajudante de missa, e isto me atraíu, deixei-me suggestionar, embora ignorando que esforços a novidade exigiria de mim. De facto o catecismo não me inspirava simpatia, mas a aritmética e a selecta clássica eram piores — e imaginei, com a preferênciã, libertar-me delas. E' possível que muitas vocações comecem dêsse jeito.

Meu pai confiou-me a seu Nuno, proprietário, dono de loja de fazendas e padaria, senhor de longas barbas respeitáveis, devoto, de uma devoção alegre e ruídosa, que manifestava tocando violino em festas. Possuía também a prenda de cortar vidro com diamante e alicate, economizando os retalhos, que utilizava cobrindo santinhos espicados em molduras de espelhos. Ofereceu-me várias dessas preciosidades; mandei-as benzer e com elas enfeitei uma parede do meu quarto.

Assim me edifiquei, a princípio moderadamente, depois excessivo e entusiasma-



do. Afeiciei-me aos toques de sino, ao cheiro de incenso, decorei as frases do ritual, e, de casa para a loja, da loja para casa, ao passar diante da igreja, tirava o chapéu, rezava um padre-nosso e uma ave-maria.

Nesse tempo a minha grande ambição foi dedicar-me inteiramente ao serviço de Deus e entrar no seminário. Não entrei, mas andei perto. Guardadas na memória as palavras exóticas, recebi o favor que, em orações, à noite, ajoelhado no tijolo, pedi ao céu: uma batina de casimira e um roquete de linho com renda larga. Enverguei êsses trajes, orgulhoso, e, branco da barriga para cima, o resto negro, compareci um domingo na sacristia, disposto a colaborar no santo sacrifício. Imitei os gestos do meu companheiro, um formigão abalizado, mas desempenhei-me de maneira triste. Certamente era comoção da estréia, afirmou seu Nuno. E encheu-me de recomendações, ensinou-me com pachorra os movimentos necessários ao acto.

Não era comoção, era incapacidade. A segunda experiência foi igual à primeira: arreei num degrau do altar, engrolei desatento a minha parte, baralhando as respostas, calando-me. E assim continuei. Adiantava-me, atrasava-me, escorregava no tapete, confundia a epístola com o evangelho,



não segurava direito o missal, nos momentos mais sérios distraía-me olhando os vitrais. No manejo das galhetas fui tão inábil que retrogradei. Cassaram-me funções, nem o turíbulo me deixaram, porque não consegui alongar ou encurtar as correntes e nas minhas mãos o objecto, em vez de lançar fumaça, lançava cinza. Afinal tudo se transferiu para o outro acólito, e resignei-me a calejar os joelhos, equilibrando-me ora na rótula direita, ora na esquerda, indiferente à cerimônia, resmungando sílabas insensatas, esquecendo-me de esmurrar o peito e concentrar-me na elevação.

No começo padre Loureiro tentou corrigir-me. Desanimou e impacientou-se: eu queria auxiliá-lo quando se desparamentava — e êle franzia o nariz, fungava, espiava-me por cima dos óculos, balançava a cabeça, dispensava-me, reclamava a perícia do Moreira sacristão. E a minha fé pouco a pouco arrefeceu: a liturgia encrocada afastou da Igreja um ministro.

Findara o tempo dos eclesiásticos soltos, numerosos no século passado. Entravam no rigor. Padre João Inácio e padre Loureiro viviam com feias e honestas parentas idosas. Em consequência, esmorecimento, deserções. Fazendeiros, senhores de engenho e negociantes metiam os filhos em colégios



leigos, formavam-nos em academias liberais. Ou largavam-nos na bagaceira, se a rudeza era grande, prendiam-nos ao balcão.

Pois, com tanta falta de pessoal, os meus bons desejos foram desprezados. Espacei e abreviei as penitências; as flores que me ornavam as imagens pequenas desbotaram, murcharam e caíram. Um dia, no quintal, descobri uma de minhas irmãs vestida na batina, mascarada, fazendo carnaval. Indignei-me, depois encolhi os ombros, insensível à profanação. A batina envelhecia, desfiava-se nos bolsos e nas extremidades, cobria-se de nódoas. Esfarrapou-se nos brinquedos — e esqueci-a.

Impressionaram-me nessa época, além de missas, confissões, baptizados e casórios, as visitas a seu Nuno, durante a aprendizagem. Familiarizei-me: findo o acanhamento, entrava sem pedir licença, como se a casa fôsse minha. Gente agradável: a velha miúda, as moças risonhas e tranqüilas, que se moviam como peças de máquina vagarosa, o rapaz ordenado de fresco.

Padre Pimentel era uma santa criatura e insinuou-me alguns conhecimentos, os primeiros que aceitei com prazer. Narrou-me a viagem de Abraão, a vida nas tendas, a chegada à Palestina. Usava linguagem simples, comparações que actualizavam os aconteci-



mentos. Não hesitei, ouvindo a mudança de homens e gado, com certeza tangidos pela seca, em situar a Caldéia no interior de Pernambuco. E Canaã, terra de leite e mel, aproximava-se dos engenhos e da cana de açúcar. Mantive essa localização arbitrária, útil à verosimilhança do enrêdo, espalhei seixos, mandacarus e xiquexiques no deserto sírio, e isto não desapareceu inteiramente quando os mapas vieram.

Padre Pimentel admitia dúvidas e aclarava os pontos obscuros. Realmente não explicou direito o holocausto gôro de Isaac e disfarçou, para evitar-me transtôrno, o procedimento das filhas de Lot, mas os outros casos se desenrolaram fáceis e naturais. Jacob brigou com Esaú por causa de herança, coisa vulgar entre pessoas ricas, fugiu, foi protegido e enganado por um tio, tomou-lhe um rebanho e casou com duas mulheres. Uma delas tinha olhos de sapiranga. A poligamia, o furto e as safadezas não me espantavam. Onze malvados se desembarçaram de um irmão.

Até aí, tudo razoável. Em seguida enxerguei na história certo exagêro. Moisés era um grande chefe, mas teria vencido os egípcios, atravessado o mar a pé enxuto, recebido alimento do céu, tirado água das pedras, visto Deus? Pedi confirmação. Ha-



via prova de que o judeu realizara tantos milagres? Padre Pimentel não se enfadava. Claro que tinha realizado.

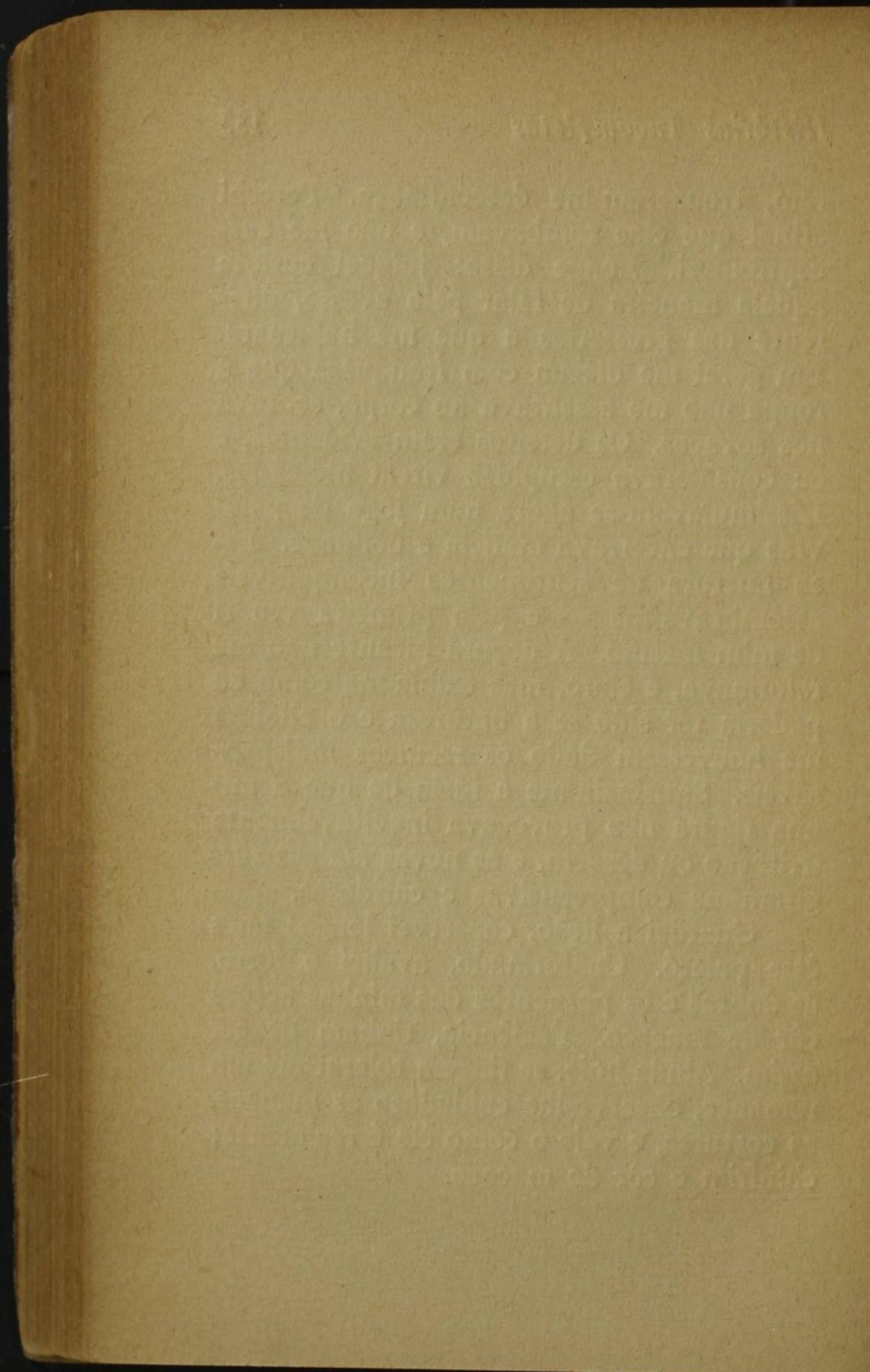
Ia refugiar-me, zozzo, na companhia das moças. Conversavam de mais. Discutiam, graves, um corte de vestido, parando em cada prega, analisando fitas e botões, discordavam, criticavam-se, enfim se combinavam. O que me surpreendia nelas era a ausência de pressa. Uma estava noiva, quási noiva. Adia-se a resolução — e na sala de jantar havia sobre o assunto vivas cavaqueiras, em que tôdas pareciam ter igual interêsse. Somavam as conveniências, as inconveniências, e isto às vêzes favorecia o pretendente, outras vêzes o desfavorecia. Enquanto buscavam decisão, iam preparando o enxoval. Fôra dada uma anuência tácita, mas os debates prosseguiram, com o arranjo das fronhas e dos lençóis. Mediam tudo, pesavam tudo, para não surgirem decepções.

Essas moças tinham o vêzo de afirmar o contrário do que desejavam. Notei a singularidade quando principiaram a elogiar o meu paletó côr de macaco. Examinavam-no sérias, achavam o pano e os aviamentos de qualidade superior, o feitio admirável. Envaideci-me: nunca havia reparado em tais vantagens. Mas os gabos se prolonga-



ram, trouxeram-me desconfiança. Percebi afinal que elas zombavam, e não me susceptibilizei. Longe disso: julguei curiosa aquela maneira de falar pelo avêso, diferente das grosserias a que me habituara. Em geral me diziam com franqueza que a roupa não me assentava no corpo, sobrava nos sovacos. Os defeitos eram evidentes, e eu considerava estupidez virem indicá-los. Dissimulavam-se agora num jôgo de palavras que encerrava malícia e bondade. Essa mistura de sentimentos incompatíveis assombrava-me — e pela primeira vez ri de mim mesmo. A doçura picante não me reformava, é claro, mas exhibia-me como eu poderia ter sido se a natureza e o alfaiate me houvessem dado os recursos indispensáveis. Satisfazia-me a idéia de que a minha figura não provocava inevitavelmente irritação ou desdém, e as novas amigas surgiram-me compreensivas e caridosas.

Guardei a lição, conservei longos anos êsse paletó. Conformado, avaliei o fôrro, as dobras e os pospontos das minhas acções cômicas de macaco. Paciência, tinham de ser assim. Ainda hoje, se fingem tolerar-me um romance, observo-lhe cuidadoso as mangas, as costuras, e vejo-o como êle é realmente: chinfrim e cômico de macaco.





---

---

VENTA-ROMBA

---

---





---

**O** FERECERAM a meu pai o emprêgo de juiz substituto e êle o aceitou, sem nenhum escrúpulo. Nada percebia de lei, possuía conhecimentos gerais muito precários. Mas estava aparentado com senhores de engenho, votava na chapa do govêrno, merecia a confiança do chefe político — e achou-se capaz de julgar.

Naquele tempo, e depois, os cargos se davam a sequazes dóceis, perfeitamente cegos. Isto convinha à justiça. Necessário absolver amigos, condenar inimigos, sem o que a máquina eleitoral emperraria.

Os magistrados de anel e carta diligenciavam acomodar-se, encolher-se, faziam vista grossa a muita bandalheira. De repente acuavam, tinham melindres que o mandão do local não entendia e lançava à conta de má vontade. E lá vinham rixas, viagens rápidas, afrontas, um libelo contestado a punhal ou cacête. Enfim os bacharéis se agüentavam mal. Dispensavam-lhes obséquios, salamaleques — e desviavam-nos.

Subsistia o juiz de direito, que ordinariamente se ausentava da comarca.

Os funcionários matutos não vacilavam: ignorando a razão de intransigências, amoleciam imperturbáveis, assinavam despachos redigidos pelo escrivão.

Foi assim que meu pai recebeu um título e suportou a alegria ruídososa do prêto José Luís, que, aos sábados, da sala à cozinha, ria, gritava, dançava, entusiasmado:

— Cadê o nosso juiz substituto?

Não havia motivo para júbilo. Conserveo dessa autoridade uma recordação lastimosa.

Venta-Romba pedia esmola, gemendo uma cantilena, indiferente às recusas:

— Como vai, seu major? E a mulher de seu major? os filhinhos de seu major?

A voz corria mansa; as rugas da cara morena se aprofundavam num sorriso constante; o nevoeiro dos olhos se iluminava com estranha doçura. Nunca vi mendigo tão brando. A fome, a sêca, noites frias passadas ao relento, a vagabundagem, a solidão, tôdas as misérias acumuladas num horrível fim de existência haviam produzido aquela paz. Não era resignação. Nem parecia ter consciência dos padecimentos: as dores escorregavam nêle sem deixar moosa.



— Como vai, seu major? Os filhinhos de seu major?

Humildade serena, insignificância, as mãos trêmulas e engelhadas, os pés disformes arrastando as alpercatas, procurando orientar-se nas esquinas, estacionando junto dos balcões. Restos de felicidade esvaíam-se nas feições tranqüilas. O aió sujo pesava-lhe no ombro; o chapéu de palha esburacado não lhe protegia a cabeça curva; o ceroulão de pano cru, a camisa aberta, de fralda exposta, eram andrajos e remendos.

Aparecia uma vez por semana, às sextas-feiras, quando se realizava a caridade: um pires de farinha nas casas particulares, um vintém nas lojas e nas bodegas. Mas as famílias de lojistas e bodegueiros não exerciam a caridade, porque isto seria redundância.

— Peça na venda.

Tínhamos ordem para afastar os peditórios.

Uma sexta-feira Venta-Romba nos bateu à porta. Deve ter batido: não ouvimos as pancadas. Achou o ferrôlho e entrou, surgiu de supetão na sala de jantar, os dedos bambeando no cajado. As moças assustaram-se, os meninos caíram em grande latomia.



— Vá-se embora, meu senhor, disse a patroa.

A distância, êsse tratamento de *meu senhor* a uma criatura em farrapos soa mal. Era assim que minha mãe se expressava dirigindo-se a qualquer desconhecido. Trouxera o hábito da fazenda, e isto às vezes não revelava polidez. Em tons vários, *meu senhor* traduzia respeito, desdém ou enfado. Agora, com estridência e aspereza, indicava zanga, e a frase significava, pouco mais ou menos:

— Vá-se embora, vagabundo.

Venta-Romba perturbou-se, engasgou-se, apagou o sorriso; o vexame e a perplexidade escureceram-lhe o rosto; os beíços contraíram-se, exibindo as gengivas nuas.

— Sinha dona... murmurou.

Com certeza buscava explicar-se. Interjeições roucas e abafadas escapavam-lhe; os olhos baços percebiam o terror das crianças e arregalavam-se aflitos.

Minha mãe era animosa. Atirava, montava, calejara na vida agreste. Certo dia um coronel lhe entrou súbitamente na cozinha, lívido, rogando-lhe que o escondesse da polícia: trancou-o num quarto, guardou a chave, tomou as primeiras medidas necessá-



rias à fuga. Não precisava que o marido, pessoa débil, viesse enxotar Venta-Romba. Mas expediu o moleque José com um recado e plantou-se junto à mesa, áspera, silenciosa, os cantos da bôca repuxados, a mancha vermelha da testa muito larga.

Diante dela, o pobre intentava aliviar a impressão má, e cada vez mais se confundia; deixou passar o momento de retirar-se. Coçava a cabeça, gemia desculpas asmáticas, e ninguém o escutava. Num arranco de impaciência, bateu com o pau no tijolo, agravou a balbúrdia. A severidade vincou o rosto da mulher; as moças cochicharam rezando e fixaram a atenção na entrada do corredor.

Nesse ponto chegou meu pai. Chegou alvoroçado, branco, e logo se fortaleceu, pôs-se a interrogar Venta-Romba, que desabafou, estranhou a desordem: implicância dos meninos, gritos, choro, a dona sisuda, as doninhas arrepiadas. Fusuê brabo à toa, falta de juízo. Graças a Deus, tudo se alumiava. Descobriu-se, despediu-se, caminhou de costas:

— Adeus, seu major.

Meu pai atalhou-o. Antes de qualquer sindicância, tinha-se resolvido. Enganara-

se com os exageros do moleque, enviara um bilhete ao comandante do destacamento. A fraqueza o impelia a decisões extremas. Imaginara-se em perigo. Reconhecia o êrro, mas obstinava-se. Misturava o sobressalto originado pela notícia ao enjôo que lhe causava a figura mofina — e desatinava. Propendia a elevar o intruso, imputar-lhe culpa e castigá-lo. De outro modo, o caso findaria no ridículo.

— Está prêso, gaguejou, nervoso, porque nunca se exercitara naquela espécie de violência.

Alguém tossiu na sala, um boné vermelho apareceu no fim do corredor. Insensível, Venta-Romba tropicava como um papagaio, arrimava-se penosamente à onibreira da porta. Deteve-se, largou uma exclamação de surpresa e dúvida. E quando a frase se repetiu, balbuciou descorado:

— Brincadeira de seu major.

Espalhou a vista em roda: o barulho das crianças fôra substituído por uma curiosidade perversa; as moças tremelicavam na costura; a face de minha mãe expunha indiferença imóvel; um sujeito passeava na sala de visitas, exibindo pedaços da farda vistosa. Claro que não era brincadeira, mas o velho,



estonteado, não alcançava o desastre. Arredou-se da porta, encostou-se à parede, esboçou um movimento de defesa. Se não fôsse banguelo, rangeria os dentes; se os músculos não estivessem lassos, endureceria as munhecas, levantaria o cajado. Impossível morder ou empinar-se; o gesto maquinal de bicho acuado esmoreceu; devagar, a significação da palavra rija furou, como pua, o espírito embotado. E emergiu da trouxa de molambos uma pergunta flácida:

— Porquê, seu major?

Era o que eu também desejava saber. À janela, distraíndo-me com o vôo das abelhas e o zunzum do cortiço pendente no beiral, vira o espalhafato nascer e engrossar em minutos. Não havia colaborado nêle — e a interrogação lamentosa me abalava. Porquê? Como se prendia um vivente incapaz de acção? Venta-Romba movia-se de leve. Não podendo fazer mal, tinha de ser bom. Difícil conduzir aquela bondade trôpega ao cárcere, onde curtiavam pena os malfeitores.

— Porquê, seu major?

O cochicho renovado ficou sem resposta. Seu major não saberia manifestar-se. Assombrara-se, recorrera à fôrça pública e

receava contradizer-se. Talvez sentisse compaixão e se reconhecesse injusto. Enraivecía, acusava-se, e despejava a cólera sobre o infeliz, causa do desarranjo. Em desespero, roncou injúrias. O polícia que pigarreava na sala se avizinhou, a blusa desabotoada, faca de ponta à cintura, as reiúnas de vaqueta ringindo.

Vinte e quatro horas de cadeia, uma noite na esteira de pipiri, remoques dos companheiros de prisão, gente desunida. Perdia-se a sexta-feira, esfumava-se a beneficência mesquinha. Como havia de ser? Como havia de ser o pagamento da carceragem?

Venta-Romba sucumbiu, molhou de lágrimas a barba sórdida, extinguiu num murmúrio a pergunta lastimosa. O soldado ergueu-lhe a camisa, segurou o cóis do ceroulão, empunhou aquela ruína que tropeçava e queria aluir, atravessou o corredor, ganhou a rua.

Fui postar-me na calçada, sombrio, um apêto no coração. Venta-Romba descia a ladeira aos solavancos, trocando as pernas, desconchavando-se como um judas de sábado de Aleluia. Se não o agarrassem, caíria. O aió balançava; na cabeça desgovernada os vestígios de chapéu iam adiante e vinham atrás; as alpercatas escorregavam na grama.



Eu experimentava desgosto, repugnância, um vago remorso. Não arriscara uma palavra de misericórdia. Nada obteria com a intervenção, certamente prejudicial, mas devia ter afrontado as conseqüências dela. Testemunhara uma iniquidade e achava-me cúmplice. Covardia,

Mais tarde, quando os castigos cessaram, tornei-me em casa insolente e grosseiro — e julgo que a prisão de Venta-Romba influíu nisto. Deve ter contribuído também para a desconfiança que a autoridade me inspira.

PLANO DA

# ”COLEÇÃO TUCANO”

Os gêneros literários

segundo as cores das capas

## **LARANJA**

Romances, novelas e contos psicológicos  
ou de costumes.

## **VERMELHO**

Romances, novelas e contos policiais  
e de aventuras

## **LILÁS**

T e a t r o .

## **VERDE**

Viagens. — Explorações. — Natureza.

## **VINHO**

Biografias. — Memórias. — História.

## **SÉPIA**

Divulgação cultural. — Ensaios.

## **AZUL**

Histórias românticas. — Poesias.

## **CINZA**

Clássicos.



## OBRAS PUBLICADAS

### LARANJA :

- 1 — O RETRATO DE JENNIE, de Robert Nathan: *uma novela original, misto de realidade e fantasia, vasada num estilo tranqüilamente poético.*
- 2 — A CARTA, de W. Somerset Maugham: *o drama inesquecível de Leslie Crosbie, uma das maiores personagens femininas da obra de Maugham.*
- 4 — AS MÃOS DE MEU FILHO, de Erico Verissimo: *contos, ensaios e depoimentos que mostram uma nova faceta do romancista de "Caminhos Cruzados".*
- 5 — A LUZ DA MANHÃ, de Robert Nathan: *um homem da nossa época volta ao século passado, é arrastado por um drama e descobre um sentido para a vida.*
- 6 — A ESCOLA DAS MULHERES, de André Gide: *profundo estudo da evolução do caráter feminino através da adolescência e do matrimônio.*
- 8 — SILBERMANN, de Jacques de Lacretelle: *comovedora história de uma amizade nascida à sombra das violentas perseguições anti-semitas.*
- 13 — PEDRO E LÚCIA, de Romain Rolland: *uma delicada história de amor, que também é um violento libelo contra a guerra.*
- 16 — AS CABEÇAS TROCADAS, de Thomas Mann: *uma lenda hindu, narrada com poesia e clareza, cujos símbolos são antes insinuados do que simplesmente narrados.*
- 17 — UM ROSTO NOTURNO, de Reinaldo Moura: *o naufrágio das criaturas no tempo, visto em uma estranha novela de amor, loucura e morte.*
- 18 — HISTÓRIAS INCOMPLETAS, de Graciliano Ramos: *uma coletânea de contos que entram definitivamente para o melhor patrimônio da literatura brasileira.*

### LILÁS :

- 3 — CONFLITO, de Maria Jacinta: *uma peça de costumes que analisa importantes aspectos e problemas da atual sociedade brasileira.*
- 9 — UM TACITURNO, de Roger Martin du Gard: *dramática revelação dos sentimentos que se mascaram sob a amizade quando existem num amor inconfessável.*

### SÉPIA :

- 12 — O PENSAMENTO ALEMÃO, de Jean-Édouard Spenlé: *uma síntese perfeita da gênese, evolução e tendência da filosofia germânica.*

## LARANJA :

- 1 — O RETRATO DE JENNIE, de Roberto Nathan: *uma novela original, misto de realidade e fantasia, vasada num estilo tranquilamente poético.*
- 2 — A CARTA, de W. Somerset Maugham: *o drama nesquecível de Leslie Crosbie, uma das maiores personagens femininas da obra de Maugham.*
- 4 — AS MÃOS DE MEU FILHO, de Erico Verissimo: *contos, ensaios e depoimentos que mostram uma nova faceta do romance de "Caminhos Cruzados".*
- 5 — A LUZ DA MANHÃ, de Robert Nathan: *um homem da nossa época volta ao século passado, é arrastado por um drama e descobre um sentido para a vida.*
- 6 — A ESCOLA DAS MULHERES, de André Gide: *profundo estudo da evolução do caráter feminino através da adolescência e do matrimônio.*
- 8 — SILBERMANN, de Jacques de Lacretelle: *comovedora história de uma amizade nascida à sombra das violentas perseguições anti-semitas.*
- 10 — O ALBERGUE DAS DORES, de Francis Jammes: *contos e manchas da vida provinciana cheios da sensibilidade e agudeza do grande poeta francês.*

## LILÁS :

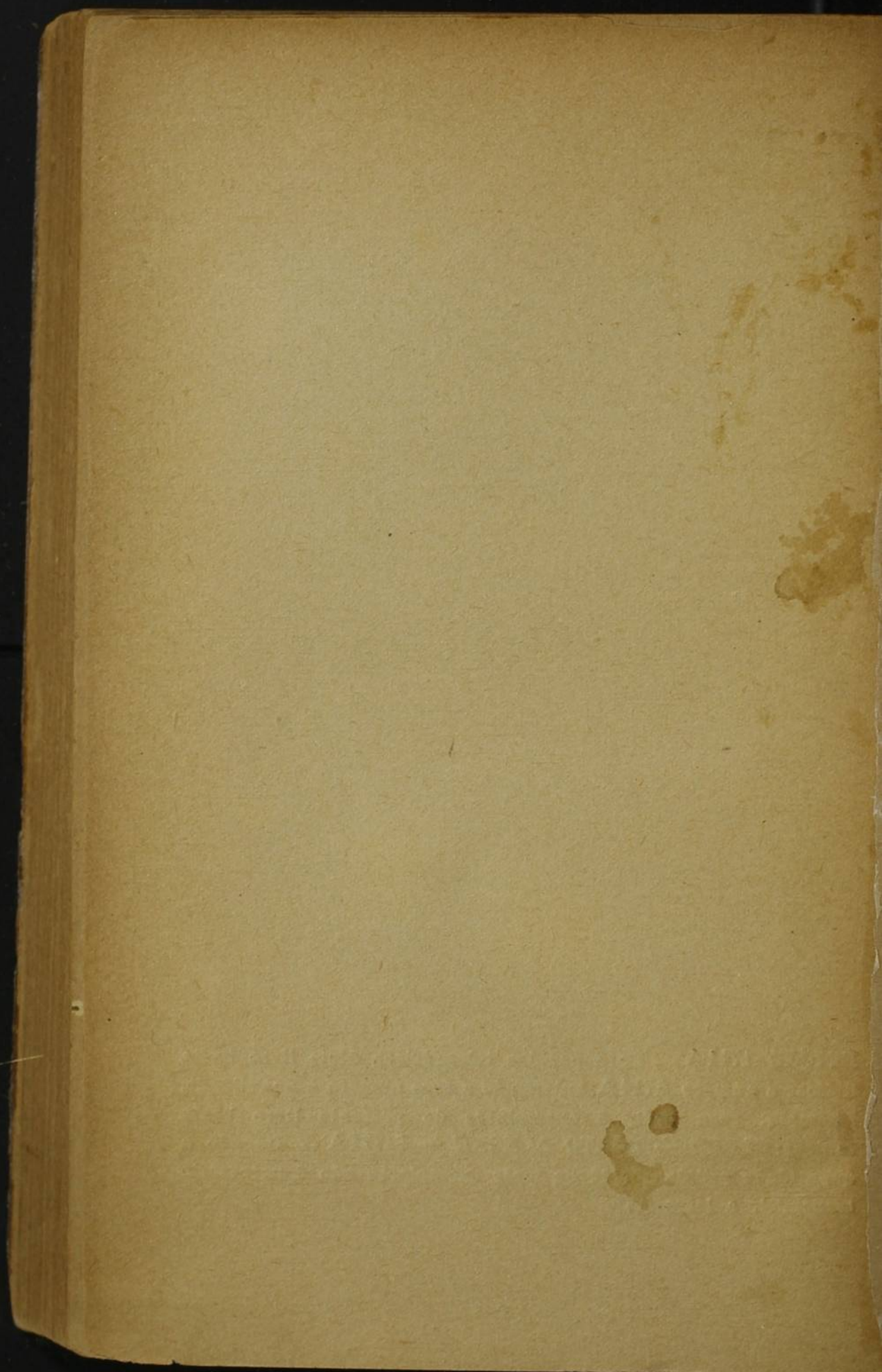
- 3 — CONFLITO, de Maria Jacinta: *uma peça de costumes que analisa importantes aspectos e problemas da atual sociedade brasileira.*
- 9 — UM TACITURNO, de Roger Martin du Gard: *dramática revelação dos sentimentos que se mascaram sob a amizade quando existem num amor inconfessável.*

## AZUL :

- 7 — A RUA DOS CATAVENTOS, de Maro Quintana: *o livro de sonetos que reabilitou este gênero de poesia e revelou ao Brasil um dos seus maiores poetas.*



EDIÇÃO 1714 A — Para pedidos telegráficos dêste livro basta indicar o número 1714 A antepondo a êsse número a quantidade. Exemplo: para pedir 5 exemplares do presente livro basta indicar: GLOBO — PÔRTO ALEGRE — 51714 A — Quando a quantidade pedida fôr 10 ou mais exemplares não é necessário transmitir a letra A.

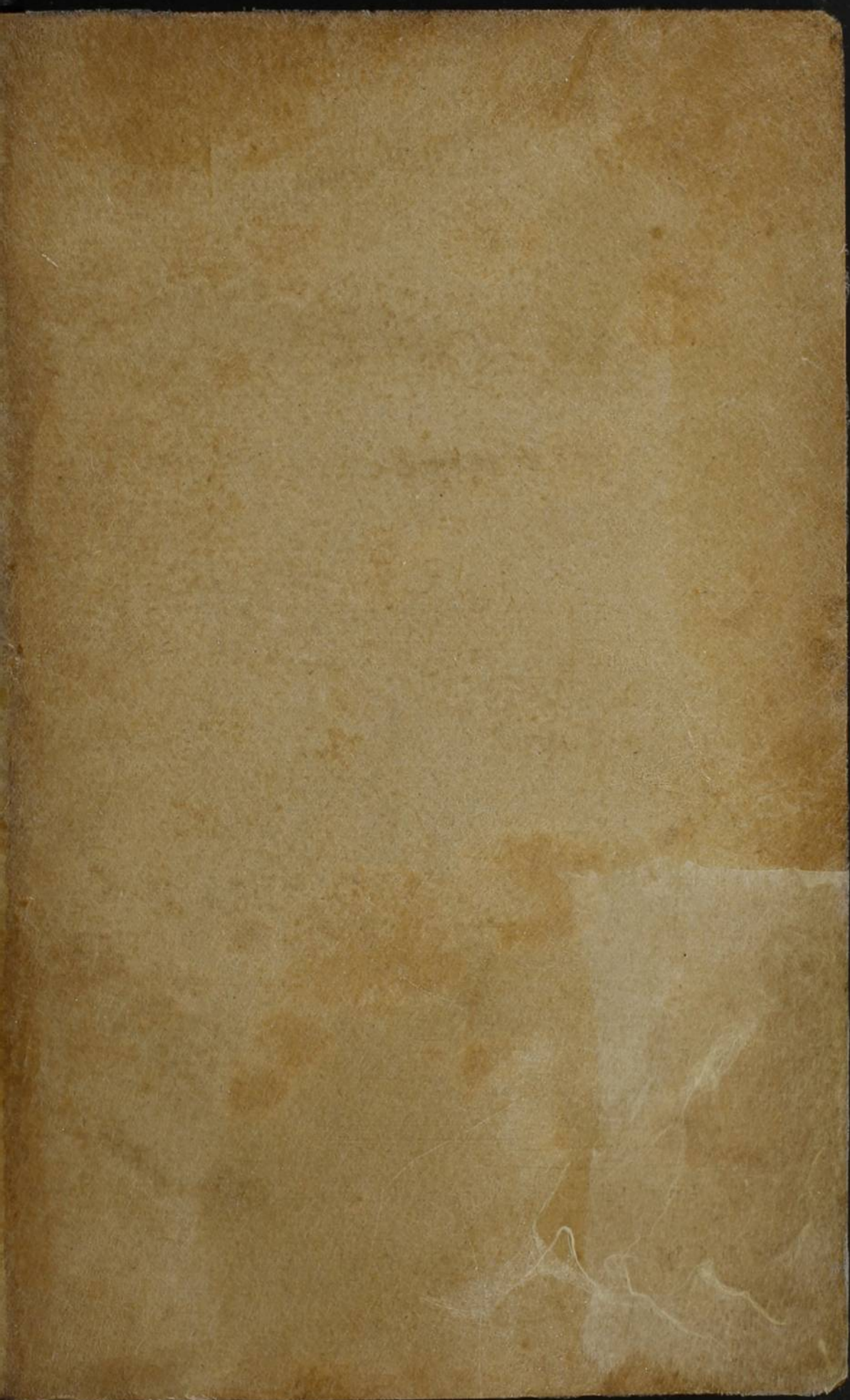




Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da casa matriz da  
LIVRARIA DO GLOBO - Barcellos, Bertaso & Cia. - em Pôrto Alegre.  
Filiais no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Maria, Pelotas, Rio Grande.

94522







PREÇO: Cr\$ 15,00